



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
CURSO DE BACHARELADO EM HISTÓRIA

ABIGAIU FEITOSA DE OLIVEIRA

**COTIDIANO DE SERINGUEIROS NO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DOS
SERINGAIS DO ACRE.**

RIO BRANCO-ACRE
JULHO/ 2013

ABIGAIU FEITOSA DE OLIVEIRA

**COTIDIANO DE SERINGUEIROS NO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DOS
SERINGAIS DO ACRE.**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em História da Universidade Federal do Acre – UFAC, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Airton Chaves da Rocha.

**RIO BRANCO-ACRE
JULHO/ 2013**

ABIGAIU FEITOSA DE OLIVEIRA

**COTIDIANO DE SERINGUEIROS NO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DOS
SERINGAIS DO ACRE.**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em História, da Universidade Federal do Acre
– UFAC, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em História.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Airton Chaves da Rocha – UFAC - Orientador

Prof. Dr. Francisco Pinheiro de Assis – UFAC - Membro

Prof. Armstrong da Silva Santos – UFAC - Membro

Rio Branco, 16 de julho de 2013

DEDICATÓRIA

Aos seringueiros, que no seu cotidiano contribuíram e contribuem com a história do Acre.

À minha amada mãe Maria de Nazaré Braga Feitosa (em memória) e ao meu pai Ednor Braz de Oliveira.

Em especial à minha filha Maria Gabriela Oliveira da Conceição, que em momentos difíceis me deu força através de sorrisos, abraços e carinho para que fosse possível a conclusão desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter tornado possível à caminhada acadêmica e a conclusão do curso.

Aos meus pais que me ensinaram a insistir e persistir mesmo diante de obstáculos.

Ao professor Dr. Airton Chaves da Rocha, meu orientador, que com competência, capacidade e paciência, acreditou, contribuiu e foi fundamental com seus ensinamentos para a produção desta monografia.

A Maria Gabriela Oliveira da Conceição que muitas vezes ficou sem minha presença e atenção. Muito obrigada, filha amada.

Ao Sérgio Dias que nos momentos em que estive ausente se fez presente na vida da Maria Gabriela.

Aos meus irmãos que acreditaram e muito me apoiaram nos momentos de dificuldades.

A todos os professores que muito contribuíram para o enriquecimento do conhecimento na jornada acadêmica, em especial aos Profs. Drs. Francisco Bento, Maria José Bezerra, Valdir de Oliveira Calixto, José Dourado de Souza e aos Profs. Msc. Geórgia Lima e Márcio Roberto Vieira Cavalcante.

Ao Prof. Armstrong da Silva Santos e Prof. Dr. Francisco Pinheiro de Assis que participaram da Qualificação e Banca Examinadora.

As amigas Basília Furtado, Eulália Dantas e Suziane Alves que me receberam no Museu da Borracha com muito carinho e presteza para que fosse possível realizar as pesquisas, e que me apoiaram e acreditaram na minha capacidade para conclusão deste trabalho.

Aos colegas de turma que através da amizade e carinho incentivaram a continuidade no curso, em especial à Erika Lúcia, Raline Melo, Emanoela Freire, Luzanira Campos e Wilciene Cordeiro.

A inesquecível Edma Batista, amiga leal e companheira de todos os momentos e ao seu esposo Ruy Costa no apoio e digitação de trabalhos acadêmicos. Muito obrigada, amigos.

A todos que estiveram ao meu lado em todos os momentos, muito obrigada.

Não é preciso tão somente dar voz aos sujeitos sociais excluídos da História oficial, é necessário fortalecer tanto suas vozes quanto suas ações na História.

(Abigail Oliveira)

OLIVEIRA, Abigail Feitosa de. **Cotidiano de seringueiros no processo de constituição dos seringais do Acre**. Airton Chaves da Rocha. Rio Branco: UFAC, 2013. (monografia).

RESUMO

Este trabalho analisou aspectos do cotidiano de seringueiros durante o processo de formação e consolidação dos seringais da região acreana, destacando os contrastes vividos por nordestinos no fazer-se seringueiro. O texto aborda ainda outros temas como o cotidiano de seringueiros que participaram da luta que resultou na anexação do Acre ao território nacional, suas formas de sobrevivência e de insubordinação, de disciplinamento, entre outros. A metodologia consistiu na utilização de uma bibliografia referente ao processo de implantação de seringais do chamado primeiro ciclo da borracha. O referencial teórico que orientou a reflexão do material empírico se traduz em conceitos como cotidiano, seringal, sobrevivência, insubordinação, entre outros. O resultado da pesquisa caracteriza como nordestinos se constituíram como seringueiros no Acre, como fizeram para sobreviver, e construir o Acre passado.

PALAVRAS-CHAVE: seringueiro, cotidiano, sobrevivência, disciplinamento, insubordinação.

OLIVEIRA, Abigail Feitosa de. **Cotidiano de seringueiros no processo de constituição dos seringais do Acre**. Airton Chaves da Rocha. Rio Branco: UFAC, 2013. (monografia).

ABSTRACT

This study examined aspects of daily rubber during the process of formation and consolidation of the rubber plantations Acre, highlighting the contrasts experienced by the Northeast make up tapper. The text also addresses other issues such as the daily tappers who attended the fight which resulted in the annexation of the Acre territory, their ways of survival and insubordination, of discipline, among others. The methodology involved the use of a bibliography for the deployment process of rubber called the first cycle of the rubber. The theoretical framework that guided the reflection of the empirical material translates into concepts such as daily, plantation, survival, insubordination, among others. The result of the research is characterized as Northeastern constituted as rubber tappers in Acre, as they did to survive, and build Acre past.

KEYWORDS: seringueiro, daily Life, survival, discipline, insubordination.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	
O COTIDIANO EM TERRAS DE CONTRASTES	14
1.1 VIVENDO EM TERRA DE CONTRASTES.....	16
1.2 COTIDIANO NAS ESTRADAS DE SERINGA.....	31
1.3 A SAUDADE DE FAMILIARES E A VONTADE DE VOLTAR.....	34
CAPÍTULO 2	
COTIDIANO DE DISCIPLINAMENTO E DE INSUBORDINAÇÃO DE	
SERINGUEIROS	37
2.1 O PODER DO SERINGALISTA.....	38
2.2 O BARRACÃO COMO INSTRUMENTO DE EXPLORAÇÃO	52
2.3 O COTIDIANO DE DISCIPLINAMENTO	56
2.4 PRÁTICAS DE INSUBORDINAÇÃO E RESISTÊNCIA	61
CAPÍTULO 3	
COTIDIANO DE SERINGUEIROS NO PROCESSO DA “REVOLUÇÃO ACREANA”	
.....	66
3.1 A HISTÓRIA OFICIAL E A CONSTRUÇÃO DOS HERÓIS	66
3.2 A REVOLUÇÃO QUE SERINGUEIROS NÃO SE INTERESSARAM	73
3.3 O COTIDIANO DE SERINGUEIROS NO ENFRENTAMENTO AOS HERMANOS ..	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS	86

INTRODUÇÃO

A pesquisa apresentada tem como objeto de estudo os seringueiros do Acre. O tema do trabalho é cotidiano de seringueiros no processo de constituição de seringais do Acre, em que a escolha do espaço temporal é delimitada ao chamado “1º ciclo da borracha”. A pesquisa aborda um conhecimento sobre o cotidiano de homens que vieram do nordeste e também de outros países como os portugueses, espanhóis e sírio-libaneses e se tornaram seringueiros ao trabalhar nos seringais da região acreana e que viveram situações contrastantes das de seus locais de origem. Outros temas também foram abordados como o cotidiano de seringueiros que lutaram na chamada “Revolução Acreana” que anexou o Acre ao território brasileiro. A pesquisa ainda possibilitou conhecimentos referentes às questões de sobrevivência, insubordinação e disciplinamento, entre outros.

A escolha do tema para estudo se deu por motivação pessoal, já que desde o início no curso de História Bacharelado na Universidade Federal do Acre - UFAC pude então perceber que há ainda uma necessidade de estudos relacionados ao cotidiano de seringueiros que viveram no Acre, a questão da luta e do recrutamento daqueles homens para anexar o Acre ao Brasil, bem como suas buscas por sobrevivência ainda no 1º ciclo da borracha. O que tenho percebido é que a historiografia acreana como um todo ainda tem posto em evidência principalmente histórias dos considerados “grandes homens” e seus “grandes feitos”, por esse motivo o que vem reforçar meu interesse nesta perspectiva é o que afirma Ivo dos Santos Canabarro em seu livro-texto Teoria e métodos da história II, onde este autor diz que:

A nova História também representa uma crítica aos velhos padrões de se escrever a História, pois foi muito criticada a tendência de se cultivar as grandes personalidades, e voltou-se para o homem comum, os populares e suas lutas pela sobrevivência. (CANABARRO, 2010, p. 24).

Neste sentido, venho com este trabalho buscar compreensão acerca de uma história onde se possa conhecer o cotidiano de homens comuns, que estão de certa forma, no “esquecimento oficial”, já que a História oficial os deixa à margem dela. Busco conhecer a partir da História oficial a construção de outras histórias, onde sejam conhecidos outros sujeitos sociais não por seus grandes feitos, mas por suas experiências de vida, na busca por sobrevivência onde são considerados como à margem da história ou até mesmo como atores fora dela.

Este trabalho é de relevância social e acadêmica em virtude de problematizar sobre os seringueiros seu cotidiano, as mudanças em seus modos de vida e a busca por outras formas de sobrevivência. A pesquisa elaborada além de original contribui com novas reflexões permitindo assim a outros pesquisadores o desejo de novos questionamentos na historiografia acreana. Devido ao espaço-tempo pretendido pela pesquisa, por várias vezes me vi ao ponto de desistir, porém, busquei realizar o possível por acreditar ser este tema pouco abordado.

Quanto à problemática de estudo obtivemos respostas referentes aos modos de adaptação de nordestinos em meio uma imensa floresta, um ambiente diferente do seu, numa região de contrastes, onde o rio além de construir, destruía e reconstruía a geografia deste local. Pudemos tomar conhecimento sobre o cumprimento de ordens ou regras acerca do cotidiano de disciplinamento e de insubordinações, como também do cotidiano de seringueiros em relação aos seus interesses em participar do processo da “revolução acreana”.

O objetivo geral desta pesquisa foi buscar compreender o cotidiano de seringueiros no processo de constituição de seringais do Acre ainda no 1º ciclo da borracha. Tendo como os objetivos específicos alcançados na compreensão das vivências desses homens em terras de contrastes, o cotidiano de disciplinamento e insubordinação destes nos seringais acreanos, como também seu cotidiano no processo da “revolução acreana”.

A pesquisa foi direcionada para a utilização de bibliografias já existente, e como reflexões foram analisados os conceitos como cotidiano, seringueiro, disciplinamento, insubordinação, entre outros que veremos no decorrer dos capítulos. E para dar início a esta pesquisa procuramos entender o processo de chegada dos nordestinos no Acre, ou seja, a migração daqueles homens para esta região, como fora à adaptação numa terra em que as condições ambientais são diferentes das vividas no seu local de origem, o que é seringal e no que se constituiu para seu funcionamento. Pude também compreender as formas como eles começaram a trabalhar e como eram as condições e divisões do trabalho num seringal.

O trabalho de campo teve início ainda no final do mês de março de 2012, sendo possível a conclusão em abril de 2013, seguindo o que foi proposto pela orientação do Prof. Dr. Airton Chaves da Rocha. Pude inicialmente selecionar e organizar os materiais ou fontes bibliográficas nas instituições como Museu da Borracha Governador Geraldo Mesquita, Biblioteca Central da UFAC e Centro de Documentação e Informação Histórica – CDIH- (Museu UFAC), dentre outros locais. A estrutura técnica do trabalho monográfico está

baseada no livro de Pedro Augusto Furasté, sob o título *Normas Técnicas para o Trabalho Científico*: Explicação das Normas da ABNT, 16ª edição, 2012.

Mas, vale ressaltar ainda que o ofício do historiador não é tarefa fácil, não bastando para isto localizar as fontes e documentos, porque os documentos não falam por si, é preciso saber interrogá-lo como sustenta Marc Bloch,

[...] os textos ou os documentos arqueológicos, mesmo os aparentemente mais claros e mais complacentes, não falam senão quando sabemos interrogá-los. [...], toda investigação histórica supõe, desde seus primeiros passos, que a busca tenha uma direção. (BLOCH, 2002, p. 79).

Com as devidas orientações para o trabalho de campo e estando direcionada a buscar respostas aos meus questionamentos pude chegar até as instituições e analisar o material que aborda as experiências de nordestinos e/ou seringueiros nesta região. Analisados os materiais me possibilitou compreensões sobre a migração daqueles homens, os seus motivos e as dificuldades enfrentadas, como também a participação deles no processo “revolucionário”. Ainda pude contar com a contribuição do orientador quanto à disponibilidade de materiais de seu acervo pessoal, possibilitando dessa forma a escrita da monografia.

Como ponto de partida foi utilizado o conceito de cotidiano, seguindo o que afirma a autora Agnes Heller, quando sustentava que

A vida cotidiana é a vida de todo homem, pois não há quem esteja fora dela, e do homem todo, na medida em que, nela, são postos todos os seus sentidos, as capacidades intelectuais e manipulativas, sentimentos e paixões, idéias e ideologias (HELLER, 1970, p.17).

Como nos apresenta Heller quando se refere ao cotidiano, percebo que o nordestino ao chegar à região acreana se deparou com diversas dificuldades e para dar continuidade ao que veio buscar ele pôs cotidianamente todos os seus sentidos para adaptar-se a floresta.

Na elaboração do primeiro capítulo Cotidiano de seringueiros em terras de contrastes, abordamos como fora a vivência de nordestinos numa terra em que era diferente do seu local de origem, onde exerciam outras atividades e outros modos de viver, como também as adaptações ambientais, pois no Nordeste ocorriam períodos de secas severas, enquanto nesta região havia abundância em chuvas, ou seja, as condições climáticas eram

outras. Conhecemos como os nordestinos passaram a trabalhar de forma exaustivas nas estradas de seringa, como era o dia a dia nos seringais do Acre, a alteração do seu horário de trabalho já que iniciavam suas atividades ainda pela madrugada, como aprenderam o processo de extração do látex e toda a produção do leite em pelas de borracha, que mecanismo utilizou para se comunicar com os outros que ali estavam e também neste capítulo é abordado o sentimento de saudade da sua terra natal e dos familiares e a vontade de voltar.

No segundo capítulo – Cotidiano de disciplinamento e insubordinação – analisamos como foi o cotidiano de seringueiros nos seringais do Acre no que diz respeito ao que estava imposto como regras de obediência e disciplina, mas também a insubordinação nos seringais, já que estavam todos ali para trabalhar na produção não somente de borracha, mas, principalmente de lucro para o patrão. Foi dessa forma, para melhor esclarecimento, que analisamos os “Regulamentos dos seringais” de Octávio Reis, publicado no ano de 1934, mas que através da análise realizada foi percebido que este regulamento e sua publicação fora um meio de legalizar e/ou oficializar uma prática social constituída desde o início da formação dos seringais como registrou Euclides da Cunha, quando esteve nos seringais do Purus em 1904/5. Tudo deveria ser cumprido/obedecido naquele local. Os que dominavam o espaço e a gente nordestina detinham o poder de mando e desmando. Os seringalistas eram a lei no seringal. Através dos regulamentos ficou evidenciado que os seringueiros tinham deveres a cumprir, mas quanto aos direitos nada está claro, ou seja, não tinha nenhum artigo ou cláusula que demonstrava ou decretava algum direito legal que amparava os extratores que estavam no seringal para exercerem suas atividades na extração do látex. Mas, foi percebido que os extratores criaram mecanismos pra fugir das imposições e explorações sofridas naquele ambiente

Assim, no terceiro capítulo – Cotidiano de seringueiros no processo da “revolução acreana” – procedemos a uma análise para conhecer o cotidiano de seringueiros na participação deste processo. Busquei assim, compreender como foi aquele processo onde os extratores da borracha tiveram que participar da luta de anexação do Acre ao território nacional, mesmo não sendo interessante a eles. Percebemos como se deu a alteração do dia-a-dia dos seringueiros, dos costumes, da utilização de outras ferramentas, como por exemplo, das armas na guerra, dentre outras mudanças que ocorreram no momento de conflito.

CAPÍTULO 1

O COTIDIANO EM TERRAS DE CONTRASTES

Para se compreender o cotidiano de seringueiros no processo de constituição dos seringais do Acre no primeiro ciclo da borracha, o capítulo inicial apresenta uma breve contextualização histórica sobre o processo de migração para esta região e assim passaremos a conhecer como o nordestino se fez seringueiro.

Segundo a obra *Acre: uma história em construção*, dos autores Valdir Calixto, Josué Fernandes e José Dourado, do ano de 1985, o espaço territorial que forma hoje o Estado do Acre era antes ocupado por povos indígenas. Aqui, como sustentam os citados autores acima, durante os séculos XVI, XVII XVIII habitavam nas bacias dos rios Juruá, Purus e seus afluentes cerca de 50 grupos tribais, o que compreendia uma população aproximada de 60 mil habitantes. Atualmente esse número é reduzido a cerca de doze grupos tribais como afirmam os autores mencionados. E essa realidade começou a mudar a partir da segunda metade do século XIX, quando milhares de índios foram dizimados ou aniquilados e isso se deu a partir do momento em que tanto peruanos quanto brasileiros chegaram para explorar este espaço, e este processo ficou conhecido como *correrias*¹. Ambos buscavam expropriação territorial e mais precisamente a expansão econômica sustentada pela indústria internacional².

No início as correrias tinham como caráter principal a eliminação rápida de populações indígenas para a implantação de seringais, posteriormente, passou a ter objetivo de torná-los prisioneiros e assim submetê-los ao trabalho extrativo. Os índios transformaram-se em “caboclos seringueiros”, embora muitos resistindo. Inicialmente ocupavam a região e desenvolvia a agricultura itinerante, isso antes do contato com as frentes extrativistas do caucho³ e da seringa. Eles derrubavam a mata, ateavam fogo, preparavam o terreno, plantava milho, bananeira, aipim, amendoim, dentre outros, ou seja, realizavam atividades agrícolas e

¹ Expedições de regionais organizadas com o intuito de expulsar os nativos de suas terras ou para fins punitivos, ou seja, eram expedições punitivas onde expulsavam os indígenas ou os exterminavam para ocupar o local e assim explorar.

² CALIXTO, Valdir de Oliveira; SOUZA, Josué Fernandes de; SOUZA, José Dourado de. *Acre: uma história em construção*. Rio Branco: FDRHCD, 1985. p. 16-19.

³ Látex ou leite encontrado em árvores de seringueiras da região peruana.

sua subsistência era a caça, a pesca e a coleta. Quando a área em que cultivavam o roçado se encontrava esgotada buscavam outros locais para que o primeiro se reconstituísse.⁴

Quanto à domesticação de animais, alguns criavam os silvestres com a finalidade decorativa, ou seja, criavam animais como “as araras, macacos e os papagaios” (Calixto, 1985, p.16) para a produção de adornos. Cada grupo indígena tinha peculiaridades diferenciadas tanto no preparo do alimento como no seu mobiliário, na produção de suas armas, sua organização social, ou seja, em seus costumes.

E ainda sobre as correrias, essas eram tidas como punitivas contribuindo assim com o aniquilamento dos grupos. Segundo Calixto (1985, p. 18) “A insurreição e a reação dos grupos eram punidas com a morte. Os colonizadores também utilizaram métodos como manipulação das rivalidades tribais, contaminação através de doenças, etc.”

Diversos tipos de violência os índios sofreram. Foram considerados como seres inferiores, “primitivos”, como se não fossem se quer gente. As violências eram psíquicas, biológica e também cultural, na medida em que foram considerados aquém das etnias europeias ou mestiças. Posteriormente as correrias deixaram de ser eliminação sumária e passaram a ter caráter de aprisionamento para submeter os índios ao trabalho extrativo. Trabalhavam como extratores de látex da seringueira e caucho, extratores de madeira e caçavam para manter o barracão⁵, etc. Os indígenas recebiam bem pouco e neste período era melhor ter o índio amansado, ou seja, seria mais lucrativo tê-los como “escravos” para que realizassem o trabalho de extração.⁶

E foi a partir de 1850 que começaram a vir às expedições exploratórias. Fora financiada pela Província do Rio Negro, sob o comando do explorador João da Cunha Correia, e depois veio outra comandada por Manoel Urbano da Encarnação. Pode-se registrar também expedição estrangeira como a enviada por Royal Geographical Society of London representada por William Chandless, como bem afirma Calixto (1985, p.40). Essas expedições contribuíram para comprovar que realmente existia grande quantidade de “árvores que jorravam leite” para produzir borracha e teve como interesse a extração lucrativa, já que o produto já conhecido e muito procurado pelos Estados Unidos e países da Europa geraria bons

⁴CALIXTO, Valdir de Oliveira; SOUZA, Josué Fernandes de; SOUZA, José Dourado de. **Acre: uma história em construção.** 1985. p. 16.

⁵ Barracão: Imagem-símbolo da sede do seringal, que constitui a residência do seringalista e de seus auxiliares diretos. Em muitos casos, concentrava-se num mesmo barracão também o armazém geral.

⁶CALIXTO, Valdir de Oliveira; SOUZA, Josué Fernandes de; SOUZA, José Dourado de. **Acre: uma história em construção.** 1985. p. 18.

resultados. E dessa forma, ao perceberem o potencial existente aqui, o mercado internacional dedicou especial atenção à extração do látex e assim passou a incentivar economicamente a migração nordestina para esta região. Daí ocorreu então à reocupação desse espaço hoje chamado Acre.

Com a devida importância econômica dada à seringueira⁷, o espaço acreano passou a ser alvo de várias migrações. A principal foi a de nordestinos que devido à seca em sua região de origem buscavam neste local garantir sobrevivência e também posteriormente possuir terras, pois, no Nordeste a maioria desses homens vivia na condição de meeiros e rendeiros e sem perspectivas de se tornarem donos de terras já que eram excluídos das concentrações de renda. Dessa forma percebemos que a migração não se deu somente por causa das secas ocorridas em alguns períodos naquele local.⁸

Com tudo isso, compreenderemos os contrastes vividos por nordestinos que vieram em busca de sobrevivência, ocorrendo que alguns conseguiram retornar, outros não. Mesmo compelidos a participar da “revolução acreana”, muitos “deram seus sangues por um Brasil” que não os reconhecia como da mesma pátria. Até porque, naquele momento não existia o “sentimento nacionalista” como a história oficial coloca, existiam interesses de uma minoria. Mas, acerca deste momento veremos no terceiro capítulo.

1.1 VIVENDO EM TERRA DE CONTRASTES

Como anunciado anteriormente, os nordestinos passaram a viver na região amazônica em um ambiente geograficamente diferenciado de seu habitar anterior. E no que tange a geografia do Acre, podemos dizer que esta era bem diferente da existente na região nordestina. Enquanto aqui havia uma extensa área de floresta, no Nordeste havia um ambiente de seca. Aqui esses homens trabalhariam no processo de extração do látex, lá suas atividades eram a agricultura e a pecuária. Encontravam-se isolados em meio a diversos tipos de árvores e animais ainda desconhecidos, estando eles imunes às doenças tropicais. Já em seu local de origem tinham ao menos seus familiares e a solidão não estaria ao seu lado a torná-los mais

⁷ Seringueira: *hévea brasiliensis* ou árvore que se extrai o leite ou látex para se fazer a borracha.

⁸ UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE/ A TRIBUNA: **Álbum Memória e Imagens Revolução Acreana**. UFAC/ Jornal A Tribuna, 1996-1997. Cap. I, p. 3.

frágeis ainda. Ou seja, necessitavam primeiramente adaptar-se a um espaço desconhecido, difícil, e isso seria um desafio antes de tudo, que precisava de início ser vencido⁹.

O cearense foi o principal migrante a vir para esta região, culminando com uma formação de “excedente” de mão de obra para a produção de borracha. Mas, esse “excedente” que veio para este local deparou-se com situações multifacetadas, e assim ocorreram diversas mudanças em sua vida, segundo Domingos José:

Mudanças comportamentais presentes nos seus modos de vida, seus costumes, sua cultura, sua identidade, travadas no seio de sucessivos processos de resistências, que se configuraram de acordo com o momento político e econômico então predominantes. (ALMEIDA NETO, 2001, p. 30).

Podemos perceber que diversas mudanças nos modos de viver desses nordestinos ocorreram no momento em que passaram a viver nessa região e com isso alteraram-se suas culturas, suas identidades e assim foram obrigados a adaptarem-se ao que estava imposto e principalmente a um ambiente totalmente diferente do vivido no Nordeste.

O homem que passa a habitar essa Amazônia foi um desbravador, passou a domá-la. Segundo Euclides da Cunha:

O cearense, o paraibano, os sertanejos nortistas, em geral ali estacionam, cumprindo, sem o saberem, uma das maiores empresas destes tempos. Estão amansando o deserto. E as suas almas simples, a um tempo ingênuas e heroicas, disciplinadas pelos reveses, garantem-lhes, mais que os organismos robustos, o triunfo na campanha formidável (CUNHA, 1999, p. 29-30).

Essas gentes passaram a reocupar esta região sem ao menos ter como certo o quão estavam sendo bravas e o quanto estavam contribuindo financeiramente através de seu trabalho para as empresas estrangeiras. Não tinham percebido, de certa forma, que estavam sendo moldados ou até mesmo, sendo dominados por um lugar desconhecido, por um meio que ainda estava se fazendo, e assim alteraram este local e a si mesmo. Eles passaram então a alterar os seus modos de vida, de trabalho, de vestir, alteraram seu cotidiano.

⁹ Álbum Memória e Imagens Revolução Acreana. 1996-1997. Cap. I, p. 3.

A partir do momento que saíram de seus locais de origem esses homens tinham que se fazerem outros. Outras adaptações ocorreriam, como bem afirma Cunha, “resta-lhes o encargo maior de justapor os novos organismos aos novos meios” (1999. p. 31).

Esses homens foram obrigados, ao vir para esta região, tanto pelos regulamentos rigorosos dos seringais quanto pelas condições climáticas da Amazônia a mudarem seus hábitos de viver, de vestir-se, de alimentar-se, de trabalhar, ou seja, passaram a se constituir em outros homens, a se fazerem seringueiros para trabalhar na extração do leite da seringueira, para assim sustentar as indústrias estrangeiras. Indústrias pneumáticas que financiaram as migrações para esta região.

Dos muitos que vieram, passaram de certa maneira, por uma seleção ou exame incorruptível e assim, concorreram por igual para vir trabalhar na Amazônia. Vieram então:

O tuberculoso [...], e o lascivo desmandado [...]; o cardíaco [...], e o alcoólico candidato contumaz a todas as endemias; o linfático [...]; o noctívago desfibrado nas vigílias, ou o indolente [...]; e o colérico, o neurastênico de nervos a vibrarem nos ares eletrizantes, [...]. (CUNHA, 1999, p. 35).

Dado o exposto, podemos compreender que os que decidiram enviar recrutados para “povoar” esta região não tiveram sequer a preocupação em selecionar os que de certa forma, estariam aptos ou saudáveis para vir trabalhar na extração do látex. Como observamos na citação acima vieram homens já doentes, incapacitados, os que não queriam talvez exercer a atividade. Ocorrendo deslizes fisiológicos ou moral, o corretivo dava-se da reação física. Fica evidenciado então que neste processo de migração em massa, não foi o clima, algumas vezes, mau com o homem, mas o homem que foi mau tanto com o próprio homem quanto com o clima. Porém, o clima foi caluniado como maligno e bruto e sempre vencedor diante do homem que para este local vinha em busca de sobreviver.

Entende-se assim que o povoamento em outras regiões, em comparação com a que ocorreu aqui no Acre não foi tão violenta. Isso porque houve antes estudos realizados para um possível povoamento, adaptação e sobrevivência humana, e isso é salientado pelo autor citado quando se referiu à África Equatorial. Não quero afirmar que em outras ocupações ou reocupações não ocorreram extermínios ou banimentos de grupos indígenas, nem tampouco exploração de mão-de-obra, dentre outros fatores. O que explícito é que os nordestinos fizeram sacrifícios para permanecerem vivos, pois todos seus hábitos foram modificados,

precisou ser forte contra as doenças tropicais [físicas], contra a solidão, a saudade dos seus, a alimentação inadequada, o isolamento, a “doença espiritual” que conhecemos como “panema”¹⁰, ou seja, todas as diversidades de moléstias que por ventura pudessem surgir. Foram eles jogados a própria sorte, “jogados” para desaparecerem numa terra que era por eles desconhecida e que fora necessária não por destino, mas tão somente ou com principalmente fins de produção econômica. Não houve preocupação com o ser humano, com sua sobrevivência. Foi então, a partir destes desbravadores, destes sobreviventes que surgiu a sociedade acreana, foi através desses trabalhadores provenientes da região nordestina, a grande maioria do Ceará.

Como já apresentamos anteriormente o homem do Nordeste veio para esta região em busca de sobrevivência, riquezas, com o intuito de melhorar de vida, porque as condições em sua região não lhes eram favoráveis naquele momento.

Ao chegarem à Amazônia se depararam com um ambiente diferente do seu de origem. Aqui havia uma extensa área de floresta, enquanto que na terra natal o ambiente era de seca. Esses homens trabalhariam na extração de látex, lá a sua atividade era a pecuária e agricultura. Em meio à selva amazônica estavam eles praticamente isolados, sem contatos diários com os outros homens que também vieram em busca de melhores condições de vida, presos a contratos de trabalhos em que o lucro era destinado aos seringalistas e, por conseguinte, às indústrias estrangeiras, porém, em sua companhia havia a floresta, os animais desconhecidos, as doenças tropicais que ocasionaram mortes, já que não havia medicamentos e nem tampouco médicos para cuidar das enfermidades. Mas, para a cura das diversas doenças físicas como o paludismo, o beribéri, e as espirituais como a panema passaram a conhecer através do saber vivencial ou das suas experiências na floresta tanto as plantas quanto os animais e a utilizá-los como remédios. Passaram também a produzir cultura material e espiritual. A primeira se aplica a produção de matéria com fins econômicos, como por exemplo, a borracha ou coleta de castanha, já a cultura espiritual é aquela em que os homens da floresta passaram a produzir os valores, as crenças nos seres que “protegem” ou guardam a floresta como o mapinguari, caboclinho da mata, mãe da mata, tapiouara¹¹.

Estavam a habitar um local repleto de perigos, pois como a região era desconhecida por eles e “despovoada”, era cercada por animais selvagens que poderiam atacá-los; havia

¹⁰ Panema: doença em que o sujeito está com falta de sorte, azarado ou infeliz; que não consegue caçar, pescar ou fazer boa produção. Segundo Eduardo Galvão o sujeito impanemado tem incapacidade de ação.

¹¹ Álbum Memória e Imagens Revolução Acreana. 1996-1997. Cap. I. p. 5.

também as doenças físicas como o “impaludismo”¹², o beribéri, dentre outras, e isto era então outro perigo constante. Os rios representavam a vida em percurso, já que poderiam construir e destruir ou reconstruir, segundo o que afirma Euclides da Cunha (1999, p. 9), porém, ao destruir o que construía, vejo-o de certa maneira, como uma imagem que causava perigo e temor ao homem que ali habitava. No entanto, foi com ele que o homem teve uma relação mais estreita, já que tirava o alimento, se locomovia e se tinha informações, pois, através dele em épocas de enchentes os comboieiros que eram outros trabalhadores nos seringais traziam mercadorias até seus tapiris e nesse sentido sabia-se o que ocorria na sede e porventura em outros locais. Os rios foram também um meio de localização para aqueles habitantes, pois era através de seus nomes que se tinha um ponto de referência e identificação. Em época de enchentes foram as estradas desses trabalhadores, no sentido de que a região amazônica era uma imensidão de água e de um verde sem fim.

O clima desta região de certa forma castigou e maltratou os migrantes que vieram em busca de melhores meios de vida. A alimentação regrada à base de conservas, farinha e peixe era considerada “fraca” por eles, pois no nordeste se alimentavam de carne seca, leite, queijo, frutas dentre outros produtos regionais. Ainda havia a questão da nova tarefa a ser realizada exaustivamente, e fazia com que aquele homem não tivesse tempo para mais nada, nem mesmo pensar em seus problemas, isso porque a sua prioridade era produzir em alta escala para liquidar a dívida. O seu trabalho era repetitivo nas estradas de seringa.¹³

Outro fator importante que pudemos analisar foi à falta de preocupação das autoridades públicas com o ser humano que foi despejado nesta floresta. Não houve planos nem tampouco infra-estrutura para receber esta massa de imigrantes que aqui viria ocupar, trabalhar, buscar sobreviver.

O desafio estava lançado. O nordestino nesse momento precisava vencer o espaço em que viria ocupar, trabalhar, e buscar a sua sobrevivência. E, em suas observações diárias, através de suas vivências e experiências cotidianas começou a dar nomes as plantas, animais, e ao que ia encontrando. Passou a se utilizar das plantas como meio para curar doenças. Passou a conhecer também os rios e tê-los como meio de tirar dele o sustento e a utilizá-los como meio de locomoção e porque não de informação, pois era através deles que se sabia o

¹² Doença conhecida como malária. É típica de países tropicais. No Brasil, por exemplo, é comum na região da floresta amazônica, e a época fez muitas vítimas. As pessoas acometidas com esta doença sentiam febre, frio, fases de calor, fadigas, dor na cabeça, náuseas e hemorragias.

¹³ FERRARINI, Sebastião Antônio. **Transertanismo**: sofrimento e miséria do nordestino na Amazônia. Petrópolis. Editora Vozes LTDA, 1979. p. 62.

que ocorria em outros locais. Mas esses desafios não eram assim tão simples. Era a região amazônica cercada de perigos como as doenças conhecidas então por malária, beribéri entre outras. Havia ainda os animais ferozes, os peçonhentos, os insetos, e outro fator que causavam temor eram as épocas de cheias. Os rios representavam de certa forma, a vida em percurso, um construir, porém, em épocas de enchentes se tornavam perigosos, pois, podiam destruir o que havia construído.

Como esse homem em meio às condições diversas se fez seringueiro, se fez extrator em um ambiente que se apresentava desfavorável e desconhecido? Ao analisar o livro de Agnes Heller (1970) sobre *cotidiano* pude constatar a partir de suas afirmações que todo homem já nasce inserido em um cotidiano “determinado”, ou seja, como se já estivesse pronto e acabado. Porém, este homem que chegou nesta região criou mecanismos para realizar transformações ao que já estava de certa forma posto. Neste sentido o nordestino passou a realizar mudanças em seus modos de vida, como também modificou o meio em que necessitava sobreviver. Em suma, o que afirmo é que o cotidiano em que todo homem está inserido pode ser transformado, modificado para que nele se possa criar ou inventar e reinventar o seu modo de viver e assim se fazer outro, deixando suas marcas ou sentidos, as suas capacidades intelectuais e manipulativas, seus sentimentos e paixões, as suas idéias e o que acreditam ideologicamente nesse seu novo viver. O homem ao transformar e transformar-se deixa sua marca registrada. Então, do nordestino que exercia outras atividades, com outros modos de vida passou a ser extrator-seringueiro, exercendo nos seringais da Amazônia/Acre atividades diferentes das suas em seus locais de origem. Mas, para que ocorressem essas mudanças em seus hábitos eles sofreram episódios marcantes, porque não impactantes neste local.

Há relatos marcantes de um ex-seringueiro caracterizando como foi o sofrimento devido à seca no Nordeste até sua fixação na região amazônica, aonde veio acreditando que trabalhando na extração da borracha iria ganhar muito dinheiro. O relato foi extraído da obra de Sebastião Antônio Ferrarini (1979), onde foi possível observar que o homem relata através do que ouviu de sua avó o sofrimento vivido não só por ela, mas, por outros milhares de nordestinos no período da seca de 1870/72, e esta lhe contou o que vivenciou naquele momento de extrema miséria.

Morria muita gente. Repare numa massa de mandioca. Quando a gente tira a mandioca do Purus, depois de cinco dias, cria muito tapuru. Mesmo assim morria muita gente, **que nem tapuru, na seca grande. Mas morria mesmo é de fome.**

A vida da seca lá era terrível. Comida era mucunã. Aqui não tem nenhum que sabe o que é mucunã. “Mucunã” é um caroço que se pisa; se bota de molho; se lava com dezoito água, pra comer aquela massa. Fome que nem sei o quê. Comia-se feito pão. Era o pão de lá. Pão de mucunã. A macambira pra se comer é de massa. O ‘xique-xique’ é de massa, para se comer assado ou cozinhado. Eram os recursos do Rio Grande do Norte e do Ceará. Escapava-se assim por que Deus era servido.

No Rio Grande do Norte era uma vida triste. Bebia-se água. A gente saía as três horas da madrugada para apanhar o cumbuco d’água, para se beber. Chegava-se em casa às quatro horas com o cumbuco d’água. **Os filhinhos, tudo morrendo de sede.** O lugarejo mais próximo para buscar água pra beber e pro gado era Porto Alegre, com três horas de viagem, a pé.

Na seca de 1870, minha avó cansou de me dizer: ‘meu filho, muitos arigós comeram couro, pedaço de couro pisado, maxixe queimado, queimando a boca, porque não tinha outro recurso; o recurso era este, comer estas coisas’.

Plantava-se trigo naquele barro da lagoa. Dava aquele trigozinho. Botava aquela areia molhada e o trigo nascia. Levantava o trigozinho e prosperava. Era a providência de Deus que dava.

Naquele tempo se comprava uma rapadura por quatrocentos réis. Eram cinco vinténs um quarto de rapadura. Um quilo de carne de ovelha gorda se comprava a quatrocentos vinténs. Muita carne de ovelha, de bode, de porco. **Na seca grande os animais também morriam.**

Na seca de 1872, morreu muito animal e povo. Os animais comiam barro e palha de carnaúba. Se abria a palha de carnaúba e batia bem batidinho, cortava e dava ao animal. Farelo de arroz e outras coisas que havia.

Todo mundo tinha sua roça. Plantava na várzea. Plantava-se melão, jerimum, melancia, mandioca. (Depoimento de ex- seringueiro cedida à FERRARINI, 1979, p. 42-3). [grifo meu].

Como podemos perceber na citação acima a seca de 1870/72 castigou os moradores do Rio Grande do Norte e Ceará. Não tinham praticamente o que comer e tampouco água para saciar a sede sequer das gentes quanto mais dos animais que em meio àquele período também morriam de fome. Porém, vemos que eles, a época, ainda assim tinham seus roçados onde cultivavam seu próprio alimento. Predominava sentimentos relacionados à fé em Deus, e que Este permitia que eles conseguissem mesmo com dificuldades sobreviver à tamanha miséria.

O ex-seringueiro que fez o relato a Ferrarini, chegou a vir para a Amazônia no segundo surto da borracha, no ano de 1942. Afirma ter acreditado nas falsas promessas do governo que dizia ser muito bom no Amazonas, e claro que a seca, segundo o ex-seringueiro era grande. Ele acreditava que tinha muito leite e disse que os patrões enganavam e que à época eram chamados de arigante ¹⁴. Neste depoimento é revelado o problema vivido por

¹⁴ Arigante: o mesmo que arigó ou pássaro de arribação, que voa buscando outros caminhos; se dizia do migrante nordestino na Amazônia.

estes nordestinos, o drama que eles enfrentaram na região amazônica, no então segundo surto da borracha.

Ainda em entrevistas cedidas a Ferrarini (1979) há depoimentos que nos dizem que o nordestino preferia continuar morando na terra natal mesmo com as dificuldades a enfrentar e se caso pudessem escolher jamais teriam saído de seus locais de origem. Mas os que vieram acreditaram nas propagandas enganosas de enriquecimento fácil ou rápido, como nos diz um potiguara de 59 anos.

Nasci no Estado do Rio Grande do Norte, município de Jurucutu.

Foi por causa das secas que resolvi vir para o Amazonas. Lá no nordeste os homens eram obrigados a viajar dias e dias para procurar recursos. Eu pensava em ganhar muito dinheiro. Muitos e muitos diziam que o Amazonas era muito bom e etc. e tal...

Do que esperava, não ganhei nada, nada; foi tudo o contrário. Trabalhei dentro das matas. Esta foi a maior dificuldade. Lá tinha de tudo: feras, carapanãs... nada ganhei. (FERRARINI, 1979, p. 47).

O depoimento acima nos mostra alguns dos motivos pelos quais este nordestino veio, as suas dificuldades enfrentadas para buscar melhores recursos de vida. Revela a desilusão ao ver que não era verdade o que lhes disseram sobre ganhar muito dinheiro e o quanto perdera ao vir trabalhar em meio a selva. Neste relato nos é apresentado o que o depoente encontrou de ruim na selva, como por exemplo, as feras que causavam medo, os insetos como as carapanãs. Faltava-lhe tudo e restava-lhe o que era ruim. Em seu depoimento percebemos o descontentamento em vir para a Amazônia, já que foi de miséria, sofrimento e desilusão a sua vida nesta região. Como é afirmado, nada este trabalhador ganhara e nada fora como ele imaginava e buscava.

Porém, podemos perceber que nem tudo era somente de dificuldades, porque a região que fora reocupada pelos nordestinos tinha seu lado positivo ou prazeroso. E ainda segundo o que diz Ferrarini (1979), mesmo em momentos de tristeza e solidão o nordestino passava a admirar a natureza como meio de afogar as mágoas, e também desanuviava o fardo em caçadas e mariscadas, ou seja, nestes momentos [diferentemente do momento quando chegaram] eles podiam relaxar psicologicamente ¹⁵

¹⁵ Relaxar psicologicamente porque o “fardo” que carregavam era pesado, já que sentiam saudades de seus locais de origem, de seus familiares e também de seus costumes, como as festas ao som da viola e serenatas nordestinas, já que inicialmente não ocorriam esses eventos nos seringais e não lhes era permitido realizar outra tarefa que não fosse à extração do látex.

Porém, o autor José Maria Ferreira de Castro nos explica em sua obra *A Selva* (1972) o que era ou o que representava a Amazônia para os que se aventuravam nesta região desconhecida. Então era a Amazônia:

[...] um ímã na terra brasileira e para ela convergiam copiosas ambições dos quatro pontos cardeais, porque a riqueza se apresentava de fácil posse, desde que a audácia se antepusesse aos escrúpulos. Com os rebanhos, idos do sertão do Noroeste, demandavam a selva exuberante todos os aventureiros que buscam pepitas de ouro ao longo dos caminhos do Mundo. E como não era na brenha espessa que se encontrava, para os ligeiros de consciência, a aurífera jazida, quedavam-se os ladinos em Belém e Manaus a traficar com o esforço mitológico dos que, entre todos os perigos, se entregavam à extração da borracha. (CASTRO, 1972, p. 41).

A Amazônia era então um local considerado ponto crucial para os que desejavam enriquecer de forma rápida e de certa maneira fácil. Porém, caberia aos que viessem, segundo a citação, que fossem audaciosos e inescrupulosos. O trabalho a exercer neste local significava adentrar numa selva exuberante e como homens aventureiros buscavam ouro, porém, era ouro era “negro” como chamavam as bolas de borracha depois do látex ter passado pelo processo de defumação¹⁶. Mas, os que estavam subordinados aos seringalistas para exercer o trabalho de extração, essa riqueza não chegava à suas mãos, eles em muito contribuíram para o enriquecimento do patrão ou aviador porque se endividavam nos barracões.

Com isso os seus modos de vida foram com o tempo se modificando devido aos contrastes também não só da floresta, dos animais, mas do clima, dos rios, de suas cheias e vazantes. Esses homens em sua maioria chegaram sem conhecer o ambiente. Passaram de um de certa forma seco, para um que parecia estar em dilúvio, de um sertão que castigava para um rio que saciava a sede. Ou seja, havia um contraste geográfico entre a Amazônia e o Nordeste, suas paisagens também eram, se comparadas, muito diferentes. E para compreendermos estes contrastes apresentaremos algumas descrições sobre as condições do rio e de como era a visão que se tinha em relação ao homem que chegava neste espaço. Primeiramente, diz Cunha sobre a impressão que ele teve “o homem, ali, é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido – quando a natureza ainda estava

¹⁶ Defumação: processo em que através de fumaça o látex extraído da seringueira coagula ou endurece, transformando-se em pélas ou bolas de borracha. É a atividade do ciclo da borracha que se realiza no fim de cada dia, no defumador com o leite colhido.

arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão. E encontrou uma opulenta desordem...” (1999, p. 2).

O que podemos perceber na visão de Euclides da Cunha é que naquele ambiente tudo ainda estava por se ajeitar, se arrumar e sem avisar o nordestino chega ali sem ser convidado, sem conhecer esse ambiente que estava por se definir, se construir. Veio como um desbravador de um espaço desconhecido e este homem não era esperado por este espaço que ainda estava em desordem, ou seja, esta região ainda estava por se organizar, se fazer e com isso ele chegou de certa forma, fazendo algumas alterações tanto em suas vidas quanto no espaço encontrado.

O rio na Amazônia acaba sendo definido por Cunha (1999) como por ter ações de destruição, já que tudo o que encontra leva até o mar, sem que ali nada permaneça intacto, ou seja, tem função exclusiva de destruidor e não de desenvolvimento das nações, de progresso como aconteceu em outros países. Nos rios da Amazônia, suas cheias violentas, e que por vezes, tem a aparência de construtora de solo, aonde vai moldando-o, vai destruindo florestas, arrastando troncos das árvores também vai fazendo com que os terrenos apareçam, cresçam. O rio é destruidor para se tornar construtor. Segundo Euclides ele é:

Sempre desordenado, revoltado, vacilante, destruindo, construindo, reconstruindo e devastando, apagando numa hora o que erigiu em decênios – com a ânsia, com a tortura, com o exaspero de monstruoso artista incontentável a retocar e a recomençar perpetuamente um quadro indefinido. (CUNHA, 1999, p. 9).

Os rios da Amazônia e a inconstância de sua arte no tocante a fazer de seu ambiente tão definido e indefinido, tão completo e incompleto ao mesmo tempo, Cunha em minha reflexão acaba por defini-lo de maneira ambígua, onde o compara a um artista, caracterizando-o de certa forma como ruim, porque tem um dom de destruir e bom porque pode também construir e recomençar o que talvez já estivesse terminado. Se já feito, como ainda estivesse por se fazer. Como não é imóvel parece ser inconformado com a paisagem pronta e acabada. É Comparado a um homem revoltado, inconformado com o que construiu e assim precisou destruir para reconstruir. Essa compreensão, segundo o que afirma Cunha na citação acima, se faz entender que o rio de acordo como é apresentado se sobrepõe ao homem e a tudo o que se pode encontrar em meio à selva, e assim está sempre vencendo tudo e todos que forem ao seu encontro. No entanto, vale ressaltar que a percepção que tive ao analisar as características abordadas por Euclides é que o homem em seu cotidiano, mesmo com os

contrastes encontrados, criou mecanismos diversos para se sobrepôr e vencer as “imposições” do rio amazônico.

Dito por Euclides como era o rio de acordo com sua percepção, e segundo minha visão, passamos então a falar como viveram os nordestinos nessa terra de contrastes, neste ambiente considerado desconhecido. O ambiente diferente do seu de origem poderia levá-los a contrair doenças tropicais, das quais eles não tinham imunidades. Afirmando Maria José Bezerra “o primeiro desafio dessa ocupação econômica foi exatamente conhecer o meio físico e então dominá-lo para poder sobreviver”¹⁷. Foi através do “saber vivencial”, segundo a autora, que os nordestinos passaram a vencer os desafios encontrados numa floresta desconhecida pelos recém chegados. Passaram então a observar tudo o que os cercava, as florestas, os rios, o ambiente em que agora estavam vivendo. Na experiência e observação conheceram e utilizaram praticamente tudo para seu bem e dos outros que ali estavam. Um exemplo disso foi ao conhecer as árvores passaram a utilizá-las como remédios na cura de doenças, como já dito anteriormente. E assim fizeram com os bichos. Foram, de certa maneira, obrigados a desvendar os mistérios da floresta que os cercavam. Era necessário conhecer para sobreviver neste novo cotidiano.

Pelos rios corriam as riquezas existentes na Amazônia. Serviam como caminhos e estradas para aqueles habitantes isolados e também como meios de comunicação e escoamento de tudo o que se produzia. Era a partir deles e por eles, em alguns momentos que vinham seus alimentos adquiridos junto ao barracão, e também como se marcava a presença física de alguém, e segundo Bezerra no Álbum já citado as pessoas marcavam os locais que moravam ou nasciam assim, “nasci no Juruá”, ou “sou do Purus”, dentre outros dizeres que costumavam utilizar para se comunicar, localizar e se identificar.

Afirma Maria José no álbum que o homem nordestino além de ser extrator do látex, passou a ser também um produtor de cultura tanto material quanto espiritual, onde valores, crenças, ideias passaram a ser formuladas a partir de sua vivência nesse meio físico. O nordestino através de seu fazer-se seringueiro, do seu cotidiano, de suas observações, resistências, experiências e adaptações diárias passou a marcar e a fazer a cultura seringueira, produziu cultura a partir de sua vivência com a mata, e acabou por assim dizer, a conhecer os guardiões da floresta – sendo talvez um deles - e a trazer esse conhecimento e crença tanto para os habitantes da zona rural como da zona urbana. Criou sua identidade seringueira.

¹⁷ Álbum Memória e Imagens Revolução Acreana. 1996-1997. Cap. I. p. 3.

Assim, ele se fez conhecedor e também conhecido por seu modo de falar, seu ritmo, suas ideias, seus valores, suas crenças, o método como curava as doenças através de remédios da floresta, sua alimentação, ou seja, seu modo de viver, seus costumes e essa foi uma forma como ficou registrada sua cultura seringueira, o que é forte e peculiar. Buscando a sobrevivência esse homem não aprendeu somente a extrair o leite da seringueira, mas a vencer desafios, criou sua religião, o alimento físico e espiritual¹⁸. Foi no seringal – espaço de trabalho, religiosidade, lazer e outros – que o nordestino além de se fazer seringueiro participou de lutas organizadas por seringalistas para anexar o Acre ao território nacional. Mas, este assunto será abordado posteriormente.

Quando o nordestino chegou à região amazônica buscou logo iniciar uma vida de certa forma normal para aquele então “novo” modo de viver, reagindo sobre o meio hostil. Era ele, a partir de então, um ser a exercer a função de extrator de leite da seringueira, também a de modificar socialmente o ambiente tido como despovoado e atuou sobre esse meio adaptando-o a si e passando a adaptar-se, a acostumar-se a ele. Foi incorporando-se ao meio e incorporando-o ao seu modo de viver, já que consigo, trouxe seus costumes, a maneira de viver cotidianamente.

A alternativa que tinha naquele momento era ao reagir ao meio também modificá-lo para poder, assim, sobreviver enfrentando um ambiente novo, desconhecido. Isto para ele era um desafio a vencer, mas vários homens foram vencidos, pois custou a vidas de muitos.

O nordestino que veio foi arrancado, de certa forma, de seu berço seco para aqui enfrentar chuvas constantes, umidades, o que o tornou “um ser quase aquático”, ou seja, menos terrestre porque em períodos de enchentes era a canoa o meio de transporte muito utilizado. Segundo Ferrarini (1979, p. 52) “De uma terra seca, descampada; andando a cavalo, às vezes de carro ou de trem..., colocada agora numa região sempre úmida, onde tudo é água e floresta”. Percebemos então que a sua realidade ou costume era outra bem diferenciada da que passaram a vivenciar cotidianamente nesta região. Por estes e outros exemplos podemos perceber como foi profunda a mudança que estes homens passaram para adaptarem-se a realidade daquela época. Foram eles também, como podemos afirmar “devorados” pouco a pouco pelos incontáveis insetos desta região, dentre outros fatores como as doenças, os perigos deste ambiente. Chegando, já foram se moldando a um quadro penoso com as febres, os diversos insetos, e a atividade de coleta do látex, que é um trabalho engenhoso e cansativo,

¹⁸ Álbum Memória e Imagens Revolução Acreana. 1996-1997, Cap. I, p. 6.

pois, ocupa todo o tempo de um seringueiro, não permitindo a eles exercer outra atividade, nem mesmo a de cultivar seu próprio alimento, para que se tornassem obrigados a comprar no barracão tudo o que necessitassem. Os alimentos fornecidos para consumo geralmente eram as conservas “envenenadoras”, estas faziam mal ao organismo daqueles homens devido sua precariedade de nutrientes que não os sustentava e tampouco os tornava resistentes às doenças propícias naquele local, e dessa maneira este trabalhador era debilitado.

Neste sentido, a autora Cleusa Rancy em seu livro *Raízes do Acre (1870-1912)* apresenta como era composta a alimentação que os extratores adquiriram forçadamente no barracão. Os produtos eram segundo Rancy (1992, p. 104) “carne de bife, carne seca, salmão, sardinhas portuguesas, toucinho, chouriço, atum, ervilhas, doces enlatados, leite condensado, camarões em conserva, queijos da Holanda, manteiga francesa, bacalhau português”. Ora, como percebemos este tipo de alimentação além de serem produtos importados era também inadequado à condição à qual viviam os extratores, pois, as suas funções exigiam alimentos mais saudáveis, ricos em nutrientes ou balanceados e nos seringais as suas atividades eram exaustivas consumindo suas energias e os tornando facilmente em homens debilitados. Até porque os outros componentes desta alimentação precária eram compostos, como nos assegura Cunha (1999, p. 13) por “3 paineiros de farinha - d’água, 1 saco de feijão, outro, pequeno, de sal, 20 quilos de arroz, 30 de charque, 21 de café, 30 de açúcar, 6 latas de banha, 8 libras de fumo e 20 gramas de quinino”. Então, a partir das afirmações dos autores citados fica evidente a deficiência na alimentação daqueles trabalhadores. Não consumiam produtos frescos nem tampouco de qualidade adequada ao ambiente em que viviam e assim, estavam com a saúde comprometida também porque ali era inexistente assistência médica e medicamentos necessários.

A eles, logo quando chegaram não foi permitido caçar ou pescar, já que todo o seu tempo era destinado à atividade de extração gomífera, por isso se explica o tipo de alimentação consumido. A permissão veio bem depois.

O nordestino passou a ser nesta região de natureza inviolável o maior elemento inovador, pois trouxe para estas terras novos costumes e adquiriu outros, ou seja, foi ele o homem a vir e trazer mudanças para um local considerado despovoado ou vazio por não haver “povos civilizados”, porém, segundo o que assegura Cleusa Rancy, nos seringais adquiriu costumes diferentes do seu, como por exemplo,

[...], conhecimento medicinal dos nativos. Os produtos desta composição farmacêutica, embora em alguns casos tivessem se constituído nos responsáveis pela morte dos indivíduos, representaram a alternativa viável e eficiente para tratar ou amenizar muitos males no interior dos seringais. (RANCY, 1992, p. 135).

A partir da informação acima, podemos perceber a importante contribuição que os indígenas deixaram aos que chegaram nesta região. Como já foi dito anteriormente, além da alimentação precária não havia nos seringais a assistência médica e tampouco os remédios necessários para auxiliar na cura das doenças que possivelmente contraíam. E fora com os povos nativos que buscaram, a partir do seu legado, utilizar como alternativas para sua sobrevivência.

Outro costume adquirido dos indígenas neste momento foi o de andar em canoas ao invés de cavalos como era o habitual na sua terra natal. Isso porque incorporou valores e costumes indígenas e assim inseriram aos seus estes novos modos de viver.

E neste sentido, Mário Guedes em sua obra *Os Seringaes* afirmou que:

O serviço mais penoso que se possa pensar, é do remo, na Amazonia. Faz relembrar as antigas galés. E, com effeito, imaginar-se uma canôa subindo rio acima, debaixo de um sol tropical, dias e dias, e o homem a remar, a remar sempre, porque parar um minuto é retroceder no caminho, tal a força da corrente – tem positivamente alguma cousa de tortura. E algo de tortura porque, além da força constantemente despendida e do sol a transformar o corpo em um philtro, vem a “praga”, como, por exemplo, esse maldicto e pequenino insecto o – “pium” – a morder o individuo que, com as mãos ambas ocupadas, não pode espantal-o. É uma cousa diabólica! O corpo, nas partes mordidas, fica todo ferreteado, marcado, pintado. (sic) (GUEDES, 1920, p. 73-74).

Este era o novo modo de viver, trabalhar, se locomover e também de comunicação na Amazônia. Modos agora diferentes, contrastantes, era preciso adaptar-se a este serviço penoso de locomoção como também o de ter que suportar os incômodos causados pelos insetos da região. Sem poder parar para se proteger buscando assim não perder tempo, torturando-se para não esmorecer e vencer o rio e o sol tropical desta região.

A terra no Nordeste era seca, descampada, enquanto aqui era úmido, tudo era água e floresta. Como nos diz Guedes (1920, p. 71), “Elle vinha de uma terra flagellada pela secca e penetrava em outra flagellada pela agua” (sic). Como dito antes, não foi pouco o impacto sofrido por ele. Diversidades de contrastes. Contrastes como a ausência de alimentação sadia e abundante, pois, aqui consumiam conservas, farinha e peixes; sentiam ausência de remédios

para curar as doenças, não tiveram assistência médica. O repouso era escasso, a não ser em épocas de chuvas abundantes, que diminuía a produção.

Assim estes homens, no seu cotidiano - resistindo não somente ao clima, mas, ao padrão explorador - fizeram-se vencedores, conseguindo pacientemente e não conformadamente. Ultrapassaram as dificuldades impostas pelo clima e seleção natural, como também pelo que os exploradores seringalistas impuseram.

Os nordestinos concorreram, passando por uma seleção invertida onde sobreviveram os que eram dignos e capazes de continuar vivos, assim é sustendo por Cunha ao afirmar que os homens precisavam ser fortes para povoar as paragens novas, em que o clima se encarregou de exercer a função de policiar, sanear e moralizar um ambiente do qual o poder público se fez indiferente. Afirma Euclides da Cunha se referindo ao clima:

Ele exercitou uma fiscalização incorrutível, libertando aquele território de calamidades e desmandos, que seriam além de toda a proporção, muito maiores do que os que ainda hoje lá se observam. Policiou, saneou, moralizou. Elegeu e elege para a vida os mais dignos. Eliminou e elimina os incapazes, pela fuga ou pela morte. (CUNHA, 1999. p. 40).

Como observamos, segundo afirmações de Cunha, o clima da Amazônia fora caluniado, esta região fora considerada como “símbolo” de miséria e morte. O que realmente não foi. O que ocorreu nesta região foi um desordenado êxodo. A fuga de nordestinos para a Amazônia, financiada pelo mercado internacional, sem a devida preocupação com o ser humano ocasionou um processo doloroso de adaptação. Impostos a um ambiente diferente do seu de origem, a estes trabalhadores que buscavam sobrevivência, restou-lhes de imediato justapor-se aos novos meios, onde foram alterados seus velhos hábitos, seus costumes, adicionados outros e assim fazendo-se noutros, sem a devida atenção do Estado. Em outras regiões, como no caso da África equatorial, onde se pretendeu povoar se teve o cuidado de obedecerem a pareceres de cientistas que trabalharam por quinze anos na tentativa de tornar viável o povoamento sistemático, e depois renunciaram por não haver possibilidade de conquista ou ocupação. Diferente do que ocorreu na África equatorial, aqui na região amazônica houve emigração anárquica, precipitada, violadora, já que, como afirma-nos Cunha (1999, p. 33) “lhe faltou desde o princípio, não só a marcha lenta e progressiva das migrações seguras, como os mais ordinários resguardos administrativos”. A principal

preocupação fora com o que se poderia coletar de riquezas que existia na Amazônia. O fator econômico fora o foco central neste povoamento.

Como percebemos não houve preocupação com o ser humano ou com a sua sobrevivência nesta região. E Euclides (1999, p. 33) informa-nos que nos períodos das grandes secas de 1879-1880, 1889-1890, 1900-1901 que assolavam o Nordeste, populações de famintos assombrosos e doentes enchiam as cidades do litoral, então neste momento a preocupação dos poderes públicos foi, na minha percepção, a de “limpar” ou “tirar” daquele local todos que “adoeciam” ou tornava “feito” o Brasil ou o seu litoral. Em suma, foram eles mandados para a região amazônica, nos vapores, uma multidão para desaparecer. Tinham eles a missão de desaparecer, o que não ocorreu com a maioria. Foram jogados para fora da pátria, dentro de sua pátria¹⁹. Entendo que, os que vieram neste momento, das cidades litorâneas para esta região eram “indesejáveis” naquele local. Ficando subentendido que o governo precisava ou desejava “limpar” o litoral daqueles que o contaminavam. Então, foi nos seringais, nas estradas de seringa que buscaram e criaram mecanismos diversos pra sobreviver.

1.2 COTIDIANO NAS ESTRADAS DE SERINGA

O dia a dia de um seringueiro nas estradas de seringa não diferia de qualquer outro dia. Todos os dias eram como se fossem os mesmos dias, uma mesmice, idênticos, de tristezas, de pesares, de trabalhos penosos como se fossem torturas. E como afirma Ferrarini (1979, p. 57) ainda havia “O medo dos bichos, a solidão e a escuridão, as intempéries, fenômenos todos que esmagavam a alma cabocla”. Mas, esta “mesmice” ou solidão de que nos fala Ferrarini pode ser vista de outra forma, pois, ao homem que veio para aventurar-se ou ficar por pouco tempo não se observava as mudanças que ocorriam diariamente. E isto será apresentado no seguimento deste capítulo.

Nos seringais para onde vieram trabalhar com o intuito de um dia liquidar uma dívida contraída ainda na partida da terra natal, e desejosos de voltar ao seu local de origem, Euclides da Cunha nos revela como os dias eram na existência de um seringueiro nos seringais da Amazônia: “Ihes são, ali, a existência inteira, monótona, obscura, dolorosíssima e

¹⁹ CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 34.

anônima, a girar acabrunhadamente na via dolorosa inalterável, sem princípio e sem fim, do círculo fechado das ‘estradas’.” (1999, p. 53).

Como percebemos o cotidiano dos seringueiros nos seringais fora uma realidade dolorosa. Viviam em um ambiente monótono, como se nada ali tivesse movimento, nada mudasse ou se transformasse. Parecia que naquele local eles estavam paralisados e o tempo não passava. A vida ali não tinha outro percurso a não ser o das estradas que tinham que percorrer para assim buscar sobreviver. No entanto Mário Guedes nos faz repensar a questão da monotonia, mesmice ou solidão em meio à selva, porque nos seringais parece tudo muito igual, principalmente à floresta, porém, é a partir dela que podemos observar de acordo com sua variedade em árvores que a realidade se faz noutra. A flora amazonense é diversa, é possível encontrar uma diversidade de árvores próximas uma das outras. Então Guedes afirma que

[...] É uma mistura completa de espécies, que variam a cada passo. Aquí, por exemplo, se depara uma guariúba, uma massaranduba e um mulateiro juntos; allí, um piquiá, uma envireira, um cedro; acolá, um cumaru, uma sumaúma, ou assacuzeiro. E, assim por diante. (sic). (GUEDES, 1920, p. 21-22).

Como podemos perceber com uma flora diversificada, a monotonia neste sentido não se poderia sentir. Havia muitas árvores diferentes próximas e isto o homem que ali estava podia perceber, visualizar, mesmo a atividade a exercer sendo cansativa. O autor citado nos afirma que há de certa forma uma monotonia no sentido de faltar obra humana, porque ainda não havia grandes mudanças no local, há pouco começaram a surgir os barracões que são construídos próximos aos barrancos, o que exigia bastante esforço humano. Esta força humana e transformadora começara a chegar a pouco, então aqueles dias lhes parecia sempre os mesmos, sem diferenciação no dia a dia, ou até mesmo durante as noites.

Durante o dia, nas estradas de seringa o silêncio imperava já no período da noite os ruídos eram percebidos intensamente. Como os seringueiros começavam a trabalhar em meio à floresta ainda pela madrugada, corriam sérios riscos de serem atacados por animais ferozes como as onças, que poderiam devorá-los. Quanto a repousos o seringueiro não dispunha no então novo modo de viver, pois o sistema de trabalho não permitia como nos afirma Sebastião Antônio Ferrarini, em sua obra *Transertanismo*, pois, “Alta **madrugada** já estava ele,

lamparina à cabeça, **dilacerando** as madeiras. A tardinha o surpreendia na **defumação**. Mariscar à boca da noite para ter a janta”. (FERRARINI, 1979, p. 54)²⁰. [grifo meu].

Inicialmente, logo que chegaram aos seringais não tinham repouso e as mudanças em seu modo de vida no que tange o trabalho foi perceptível, haja vista em relação ao horário, ferramentas de trabalho, atividades exercidas, a alimentação consumida, ou seja, houve sérios impactos no seu viver em meio à extensa floresta amazônica. Contudo, posteriormente, existiam folgas nos dias de domingos e também nos dias ou períodos de chuvas intensas, porém, nestes períodos não havia a possibilidade de boa produção de borracha e tampouco a liquidação de suas dívidas.

O trabalho nas estradas além de exaustivo era como um castigo porque se repetia sempre o mesmo percurso e a mesma tarefa todos os dias, porém, ainda assim havia meios ou maneiras de fugir do tão repetitivo cotidiano. Nas idas e vindas nas estradas de seringa os extratores se permitiam manter contatos mesmo que à distância. E para isto utilizavam árvores em que suas raízes crescem junto aos seus troncos. São as sapopemas. E este fora um meio interessante de comunicação que os homens ali aprenderam a utilizar a seu favor. Guedes explica que funcionava assim, “Os que estão á matta, batem, por vezes, áquellas ‘sapopemas’, avisando os companheiros distantes. O som que então se produz, ecoa fortemente na matta, reboando, de maneira que o ruido alcança grandes distancias ao longe.” (sic). (1920, p. 29). Ou seja, mesmo que o trabalho do extrator fosse posto para realizar solitariamente, sem contatos com os outros, ainda assim, haviam as formas encontradas por eles para manterem contatos. Percebemos que criaram mecanismos para haver comunicação entre os que habitavam o local.

Era um pesadelo aquele trabalho, pois, o extrator partia de um local, chegava ao mesmo, para partir e voltar novamente. Essas idas e vindas eram como um círculo demoníaco. Estava então o seringueiro encarcerado numa prisão onde não existiam muros, porém, fica evidente que estes “muros” eram não somente a floresta desconhecida, à distância ou as dívidas que pesavam sobre as vidas destes homens que almejavam com seu trabalho nas estradas um dia delas [dívidas] se livrar, mas, compreendemos que estes muros ou obstáculos eram o impiedoso patrão explorador e as suas condições impostas.

²⁰ Vale ressaltar que o autor utiliza o termo *lamparina*, todavia, o que os seringueiros utilizavam na cabeça pra sair de madrugada para trabalhar era a *poronga*, um instrumento que servia para iluminar as estradas de seringa, já a *lamparina* era muito usada para iluminar o interior da residência.

Todo o trabalho que este homem passara agora a exercer, aprendia de certa forma rapidamente, porém exercia por toda sua existência ou permanência nos seringais. Era um trabalho repetitivo, solitário entre as árvores e folhagens, ouvindo o som dos animais dos quais após algum tempo passaram a identificá-los pelo canto.

Seus tapiris ou barracas eram construídos em meio à floresta, estavam entre as sororocas, já que as estradas eram estreitíssimas trilhas. Viviam estes homens a trabalhar afogados no mato. E não buscavam melhorar as condições de suas vivendas por não ser interessante permanecer nos seringais por muitos anos, nem tampouco por não terem direitos a nada do que construíssem, já que quando retornassem ao seu local de origem não teriam direitos às benfeitorias realizadas.

Nos seringais, não havia contatos entre os trabalhadores. “O seringueiro é, obrigatoriamente, profissionalmente, um solitário.” (CUNHA, 1999, p. 36).

Nos seringais do Acre, onde havia muitas árvores de seringueira, com capacidade de sustentar várias famílias, Cunha (1999) nos revela dados, em que poucos homens trabalhavam exaustivamente, e assim, raramente se encontravam ou se viam, estavam isolados numa imensa floresta, então:

Calcule-se um seringal médio, de duzentas “estradas”: tem cerca de 15 léguas quadradas; e este latifúndio, que se povoaria à larga com 3.000 habitantes ativos, comporta apenas a população invisível de 100 trabalhadores, exageradamente dispersos. (CUNHA, 1999, p. 37).

Os seringueiros a extrair o látex solitariamente nas estradas de seringa se tornaram invisíveis num deserto em que a selva, o clima, a solidão os castigou severamente somados aos regulamentos de um trabalho semelhante à de escravos no período da escravidão, nos seringais acreano, imposto pelo patrão.

1.3 A SAUDADE DE FAMILIARES E A VONTADE DE VOLTAR

Os nordestinos vieram para a Amazônia sem se preocupar com o que significava o trabalho, a vida, os costumes, a distância de sua terra natal, nem ao menos tinham certas as informações do que os aguardavam. Acreditavam vir para enriquecer e logo retornar para os

seus. Este era o desejo. O que não ocorreu na maioria dos casos. Os que chegavam à região vinham com uma preocupação, como assegura Cunha (1999, p. 28) a de voltar no mais breve prazo possível, e assim chegavam com o estado emotivo pronto a receber todas as moléstias, e isso se dava porque sentiam saudades dos seus, percorriam uma longa distância, a morosidade, a alimentação precária até chegar aos seringais contribuía para esta situação. Ao chegar sentiam-se animados por terem conseguido vir trabalhar e ganhar dinheiro, que era um dos principais motivos, porém quando se deparavam com uma imagem, um espaço, uma terra distante logo se sentiam tristes, infelizes, ou seja, emocionalmente abalados. Este espaço a eles parecia imóvel, com uma única cor, um verde sem fim. Sentiram saudades não somente dos familiares, mas até mesmo da terra, de terra firme, já que a Amazônia era uma imensidão de água e do verde da floresta.

Sustenta Ferrarini (1979) que, quando o nordestino agora seringueiro²¹ queria afogar suas mágoas passava então admirar a natureza, e era também este modo de viver ao contemplar a natureza e tudo o que nela continha, um meio de amenizar a saudade de seus familiares que ficaram no aguardo de seu retorno. Sentiam falta das festas, de suas amizades, da terra nordestina e não somente da terra natal, mas também de terra firme.

Com o exposto, podemos perceber que a vida do nordestino nesta região não era favorecida de forma alguma. O ambiente diferente, o trabalho exaustivo, a solidão e saudade dos seus contribuíram para que eles se sentissem jogados a própria sorte. Foi desafiador a sua vivência numa floresta desconhecida, misteriosa.

Dessa forma, estavam eles a sustentar a indústria da borracha. Estes extratores enriqueceram uma “cadeia²²” – as casas exploradoras, aviadoras, os seringalistas no barracão - de exploradores em troca nada mais que sobrevivência e o desejo de um dia retornar para os seus. Retorno esse que muitos não conseguiram devido ao clima que os castigou, maltratou e até lhes tirou a vida devido às diversas doenças tropicais contraídas, as más alimentações que eram regradas e também ao trabalho exaustivo. A natureza se encarregava de selecionar naturalmente os fortes, ou seja, os que tiveram que ser fortes naquele momento, já que não havia alternativas. Estes sim sobreviveram.

²¹ Seringueiro ou extrator: sujeito envolvido com as atividades de extração da matéria-prima gomífera, ou leite da árvore seringueira.

²² Cadeia: processo em que o sistema de aviação e seus meios de exploração interdependem uma da outra e o seringueiro é a ponta final deste sistema.

Àqueles homens a solidão pesava, pois, vieram sem seus familiares, nem mesmo as esposas puderam acompanhá-los. A presença feminina não era permitida vir no primeiro momento, naquele contexto o universo era essencialmente masculino e os que vieram tinham o desejo de retorno breve. De acordo com Ferrarini (1979, p. 52) a saudade da família pesava na dimensão emocional. Outro fator era também a saudade dos amigos do sertão, das diversões, das serestas e de seus costumes, do seu viver social no nordeste agora tão distante. E esta ausência tornou seu cotidiano de certa forma, extremamente monótono.

Para os seringais inicialmente esses homens vieram sozinhos, sem a presença feminina. Era um trabalho exaustivo e solitário, mais individual, em que viviam isolados dos outros seringueiros. O horário era diferente do habitual na região nordestina, iniciavam o trabalho ainda pela madrugada com seus instrumentos que era composto por: espingarda, *poronga*²³ na cabeça, terçado, balde para a coleta do leite e a cabrita – que é uma faca de cortar ou fazer a sangria na árvore.

O trabalho diário, eles exerciam solitários, pois percorriam as estradas de seringa sem ter muito contato com os outros trabalhadores. A solidão por causa da distância de seus familiares era desfavorável naquele novo modo de viver ou sobreviver. Tudo ali era diferente de seu ambiente de origem. Nada lembrava sua terra natal, até porque, a terra parecia lhes fugir dos pés, já que um dia a terra estava seca e noutra encharcada. Tudo era outro, nem mesmo as aves ou plantas e animais lembrava seu tão saudoso Nordeste.²⁴

²³ Poronga: instrumento que o extrator utiliza na cabeça para iluminar as estradas de seringa.

²⁴ GUEDES, Mário. *Os seringais*. s/ed. Rio de Janeiro, 1920. p. 71.

CAPÍTULO 2

COTIDIANO DE DISCIPLINAMENTO E DE INSUBORDINAÇÃO DE SERINGUEIROS

Com a extração gomífera nas terras, atualmente Estado do Acre, os seringais foram formados por nordestinos que aqui foram dominados pelos seringalistas, caracterizados como coronéis de barranco²⁵. Estes dominavam e exploravam tanto o trabalhador quanto tudo o que os cercava. Os nordestinos-seringueiros viveram nos seringais a mercê de um regulamento severo, rígido, em que eram obrigados a trabalhar para saldar dívidas, com o objetivo único de fazê-lo produzir mais borracha e assim enriquecer o patrão.

Raro era o homem que vinha para este local, de imensa floresta e rios, de longa distância da sua terra natal, com intuito de permanecer fincado aqui. Queriam um dia voltar e ser o que sempre foram: agricultores. Porém, a falta de chuvas em seu local de origem e por conseqüência a fome os traziam para a Amazônia e os faziam submetidos a um regulamento de trabalho severo.

Vale aqui ressaltar o que significava a Amazônia para os aventureiros que para esta região vieram segundo o autor José Maria Ferreira de Castro em seu livro *A selva*, em que afirma, “Era, então, a Amazônia um ímã na terra brasileira e para ela convergiam copiosas ambições dos quatro pontos cardeais, porque a riqueza se apresentava de fácil posse, desde que a audácia se antepusesse aos escrúpulos.” (CASTRO, 1972. p. 41).

A região tinha uma representação de riqueza aos aventureiros que viriam para este ambiente. Era lugar de salvação, de enriquecimento fácil, de alívio ao sofrimento dos nordestinos que sempre sofreram devido aos problemas de secas em sua região que destruíam suas plantações, seus sonhos, suas vidas. Aqui, acreditavam em dias melhores, em possibilidades de sobrevivência, mas com o tempo este sonho se transformara em desilusão, pois, segundo Ferrarini (1979, p. 47), “eram os interessados em ter clientes, mão-de-obra para seu seringal os que mais contavam maravilhas destas bandas”.

²⁵ Coronéis de barranco: tratamento dado ao patrão seringalista que estabelecia seu barracão nas barrancas dos rios amazônicos. Segundo Leandro Tocantins (2000), o patrão dos seringais é réplica dos canaviais nordestinos, de onde a maioria provém. Era como o Governo Federal distribuía esses títulos aqueles que representassem um enobrecimento regional. Na Amazônia, “coronel” fora uma forma de representação dada ao seringueiro que chegasse a seringalista, ou seja, obtinha a nobreza de beira de barranco. (Dados extraídos da dissertação de Mestrado de Francielle Maria Modesto Mendes, 2008).

No Nordeste alguns deles não tinham terras, trabalhavam como “alugados”²⁶ aos donos das terras como sustenta Samuel Benchimol (1992). Por isso, voltamos a afirmar que se pudessem juntar as atividades estariam felizes nos seringais, porque dessa forma poderiam viver com suas famílias, produziram seu sustento, alcançariam o desejo de vida melhor, da qual vieram em busca.

2.1 O PODER DO SERINGALISTA

O seringalista exercia seu poder de mando para assim submeter o seringueiro às suas imposições e explorações absurdas e dessa maneira aquele trabalhador não tinha como retirar-se do seringal sem antes liquidar ou saldar uma dívida que contraíra antes mesmo de começar a trabalhar e assim estava ele subordinado ao trabalho exaustivo, sendo submetido às imposições dos seringalistas e seus regulamentos rigorosos.

Outro dado importante que nos assegura Euclides da Cunha (1999, p. 15) é que os seringalistas tinham entre si acordos para não contratarem seringueiros com dívidas por saldar para em seus seringais exercerem o trabalho da extração, ou seja, era mais um mecanismo de mantê-los presos, sob seus domínios. E caso fugissem seriam punidos, sofreriam castigos rigorosos ou até mesmo seriam mortos. Era a lei do seringal.

Os seringueiros a partir do momento que saíam de sua terra natal e chegavam à Amazônia já se encontravam em total endividamento. Dali não poderia fugir, até porque existiam acordos, entre os seringalistas de não aceitar seringueiro foragido, como nos assegura o autor Luiz Antônio Pinto de Oliveira em sua obra “O Sertanejo, o Brabo e o Posseiro”, onde afirma que “Também não podia buscar um outro patrão, porque havia acordo entre eles no sentido de não empregar seringueiro ‘foragido’. O Eldorado amazônico era, para o trabalhador nordestino, um doloroso e angustiante pesadelo.” (OLIVEIRA, 1982, p. 22).

De forma não diferente, Euclides da Cunha (1999) em sua obra “À Margem da História” nos diz que “houve no Acre numerosa reunião para sistematizar-se essa aliança, criando-se pesadas multas aos patrões recalcitrantes.” (p. 15).

Em suma, todas as regras impostam, como percebemos, era um meio de assim impedir a saída do seringueiro dos seringais, como também objetivava uma maior produção

²⁶ Alugados: porque vendiam seus serviços aos donos de terras no Nordeste.

de borracha. O que fazia com que estes homens acreditassem que a única salvação para eles seria produzir em alta escala. Não poderiam esmorecer, tinham que liquidar a dívida, acumular saldo para enfim tornarem-se, de certa forma, libertos daquele regime e voltar ao seu local de origem. O que era difícil devido os meios de trabalho e a exploração pela qual passavam.

Vale ressaltar que nos seringais os coronéis da borracha eram os senhores absolutos. Dominavam o seringal de forma a tornar os seringueiros como homens livres da mesma maneira como eram no Nordeste, já que lá trabalhavam em liberdade, eram independentes, alugavam seus serviços aos donos de terras. Porém, aqui na região eram eles escravos do patrão como nos é confirmado por Ferrarini (1979, p. 15), onde diz que “Era aparentemente livre, mas a estrutura concentracionária do seringal o levava a se tornar um escravo econômico e moral do patrão. Endividado, não conseguia mais escapar”.

Os “Regulamentos” dos seringais, segundo Euclides da Cunha (1999, p. 14), são dolorosamente expressivos. São assombrosas as imposições que são decretadas nele, como por exemplo, o das multas impostas de 100\$000 no caso de, “(a) fazer na árvore um corte inferior ao gume do machado; (b) levantar o tampo da madeira na ocasião de ser cortada; (c) sangrar com machadinhas de cabo maior de quatro palmos”.

Subordinados a um trabalho que os tornavam escravos nas estradas de seringa o autor citado acima nos diz que: “o homem ao penetrar as duas portas que levam ao paraíso diabólico dos seringais, abdica as melhores qualidades nativas,” (1999, p. 12), sendo que na região amazônica, raramente o seringueiro deixa de ser devedor, pois lhe é cobrado impiedosamente tudo, desde o momento em que parte do Ceará, quando chega e até mesmo os meses em que estiver inativo, que são de novembro a maio, período de enchentes. Ainda que neste período, eles já sendo experientes, e não tenham adquirido ferramentas ou roupas, nem mesmo contraído doenças, não será pela fortuna que conseguirá emancipar-se do seringal ou de uma dívida extremamente abusiva.

Cabe aqui demonstrar dados que revelam o quão eram explorados os nordestinos, pois:

No próprio dia em que parte do Ceará, o seringueiro principia a dever: deve a passagem de proa até ao Pará (35\$000), e o dinheiro que recebeu para preparar-se (150\$000). Depois vem a importância do transporte num gaiola qualquer de Belém ao barracão longínquo a que se destina, e que é, na média, de (150\$000). Aditem-se cerca de 800\$000 para os seguintes utensílios invariáveis: um boião de

furo, uma bacia, mil tigelinhas, uma machadinha de ferro, um machado, um terçado, um rifle (carabina winchester) e duzentas balas, dois pratos, duas colheres, duas xícaras, duas panelas, uma cafeteira, dois carretéis de linha, um agulheiro. Nada mais. Aí temos o nosso homem no barracão senhorial, antes de seguir para a barraca, no centro, isto é, que o patrão lhe designará. Ainda é um brabo, isto é, ainda não aprendeu o corte da madeira e já deve 1: 135\$000. Segue para o posto solitário, encalçado de um comboio levando-lhe a bagagem e víveres, rigorosamente marcados, que lhe bastem para três meses: 3 paneiros de farinha- d'água, 1 saco de feijão, outro, pequeno, de sal, 20 quilos de arroz, 30 de charque, 21 de café, 30 de açúcar, 6 latas de banha, 8 libras de fumo, e 20 gramas de quinino. Tudo isto lhe custa de 750\$000. Ainda não deu um talho de machadinha, ainda é o brabo canhesto, de quem chasqueia o manso, experimentado, e já tem o compromisso sério de 2: 090\$000. (CUNHA, 1999, p. 13).

Percebe-se que o endividamento dos nordestinos que formaram os seringais do Acre já se iniciava no momento de sua partida. Ao sair do Ceará já principiava a dever antes mesmo de começar as atividades nos seringais. Como vemos o nordestino era subordinado de tal maneira que a ele não era permitido comprar de outro, que não no armazém do barracão, e caso, não obedecesse a esta imposição pagaria uma pesada multa de 50% sob o valor comprado.

No cotidiano de seringueiros nos seringais não era permitido cultivar a agricultura. Esta atividade não era interessante ao patrão, pois, desviaria a atenção do homem da sua atividade principal à qual veio realizar e que deveria ser prioridade. O patrão queria na sua extrema ganância adquirir riqueza, e não roçado. O seringueiro tinha a qualquer preço que atendê-lo, não pensar em outras atividades que não fosse à extração. À época, segundo a afirmação de Benchimol, se dizia que

Seringa rima bem é com béri-béri, com charque e farinha, com pirarucu seco e feijão. Não combina com batatas, legumes, galinhas, ovos, leite. Se ela se juntasse com tudo isso o homem não vinha para voltar. O homem sentiria alguma coisa do seu trabalho e de sua pessoa fincado na terra. (sic). (BENCHIMOL, 1992, p. 41).

Neste trecho fica explícita a ideia de que, devido o homem não produzir o que fosse seu, ele não tinha a menor pretensão em continuar nos seringais, já que vieram em busca de sobrevivência, de riqueza fácil para voltar ao nordeste e manter seus familiares lá. Mas caso pudessem exercer as duas atividades – seringa e cultivo -, ficariam os nordestinos morando nesta terra.

Ainda afirmando Samuel Benchimol em sua obra *O Romanceiro da Batalha da Borracha* (1992, p. 41), podia-se perceber quando um homem vinha para permanecer por muito tempo. Isto era evidenciado já no momento em que o migrante passava a construir seu tapiri²⁷. Se a barraca tivesse os caibros bem torneados, o chão assoalhado, a paxiúba bem batidinha e as palhas bem trançadas, estava de certa forma revelado que naquele local habitava um homem trabalhador e que almejava ficar por longos anos. Porém, analisando estas informações fica subentendido que este é um meio de julgar os seus interesses quanto às motivações ou interesse pelo trabalho no seringal e/ou esta ainda pode ser uma visão do seringalista para assim definir de forma “preconceituosa” o modo como vive ou busca sobreviver o nordestino, como se fosse, dependendo de como construía sua barraca, um homem “preguiçoso”, com “gosto” para o trabalho ou não. Mas, o que ocorria na verdade é que aquele homem não tinha como desejo único a permanência por longos tempos habitando estas terras e era sabido que quando saísse do local em que estava para trabalhar nada que houvesse construído seria seu. Então por que deveria ter um cuidado demasiado com um lugar em que nada seria seu e que tampouco veio para morar definitivamente?

Cotidianamente não podiam trabalhar com agricultura ou pecuária do mesmo modo que eram acostumados no Nordeste, e como vieram para produzir borracha para os seringalistas tinham eles que cumprir fielmente o regulamento se quisesse, por assim dizer, viver em harmonia tanto com o seringalista quanto com os outros empregados. E esta harmonia somente existiria se houvesse plena obediência no cumprimento dos deveres como também no cumprimento do regulamento do corte, que trata do cuidado que se deve ter ao extrair o leite das árvores de seringueira.

Havia nos seringais “Regulamentos”. Neste ponto do estudo foi analisado o Regulamento dos seringais de Octávio Reis²⁸, este fora publicado para ser regido em 1934 e anos posteriores. Vale ressaltar que mesmo sendo publicado no ano de 1934 este documento oficializava, de certa forma, que as imposições descritas nele já ocorriam anos antes. E o que comprova esta afirmação é o Regulamento do Seringal Cruzeiro do Valle que fora publicado ainda em fevereiro de 1911, no jornal de Cruzeiro do Sul, na página 4, por Leopoldina Corrêa do Valle, proprietária do seringal citado, onde neste regulamento são colocados todos os deveres dos extratores quanto aos procedimentos ao cortar as árvores para extração do látex e outros deveres que tinham que cumprir.

²⁷ Tapiri ou papiri: Choça coberta de palmas sobre quatro paus.

²⁸ BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: um pouco-antes e além-depois. Manaus. Editora Umberto Calderon. Universidade do Amazonas e Codeama, 1977.

No regulamento de Octávio Reis, todos, inclusive o extrator deve ser tratado com delicadeza, sem serem maltratados ou ofendidos com palavras ofensivas. Os extratores serão demitidos, caso infrinjam o regulamento por três vezes, mas isto deve ser feito com justiça e imparcialidade. E isto vai sustentando cada vez mais o poder soberano do seringalista nos seringais da região.

Outro dado importante é a questão de que o freguês deve ser tratado com bom humor e seriedade. Observamos então o que diz o item a seguir, segundo Samuel Benchimol

(d) Tratar sempre ao freguez com bom humor e seriedade, como se estivesse num balcão que elle não **fosse forçado a comprar** e precisasse atrahil-o com boas maneiras e attenciosamente, e não se prevalecer nunca de ser a unica casa que tem para servir ao freguez, por tal motivo servil-o bem com carinho. (sic). (BENCHIMOL, 1977, p. 233). [grifo meu].

Percebe-se, de certa maneira que o extrator além de não ter a possibilidade de comprar em outro local, fica evidenciado no item (d) que ele é forçado a comprar ali, mas que não precisa ao empregado do barracão deixar explícito em seu modo de atender, ficando assim cobrado do empregado do balcão o bom humor no atender o freguês e assim que também seja sério em suas atividades. Desta maneira, é garantido o bom andamento do seringal, e por consequência o lucro aos seringalistas exploradores.

Dos deveres dos comboieiros, que são empregados de responsabilidade lhes é cobrado honestidade e cuidado com a entrega do que receber e com a conservação ao que recebeu. Deve ser respeitador, já que vive sempre em contato com as famílias nos seringais e assim será respeitado. Não pode ser relaxado para que não cause prejuízos, devendo ser o comboieiro um homem cuidadoso, trabalhador e honesto. Percebe-se nitidamente, uma importante preocupação com a honestidade, o cuidado, o zelo que deve o comboieiro para com o patrão para que não ocorram prejuízos.

Outra obrigação é quanto ao tratamento aos animais que não podem ser espancados, sobrecarregados para que possam viajar folgadoamente. Os animais não podem viajar mais que oito horas por dia para que não sejam maltratados. Vejamos então que o seringueiro, enquanto ser humano começava a trabalhar ainda pela madrugada, trabalhava cerca de dezesseis horas diárias, praticamente sem repouso, solitário, com deficiência alimentar. Não houve como fica evidente, uma preocupação com o homem que veio em busca de sobrevivência e assim gerar lucro ao patrão. Já para com os animais, os cuidados deveriam ser cumpridos fielmente, como

por exemplo, o horário de sua alimentação, de sua higiene, o pernoite, o cuidado e asseio com suas ferramentas. Qualquer problema que porventura surgisse, acarretaria aos patrões prejuízos não desejados.

Caso os comboieiros recebessem as mercadorias e não as conferissem corretamente, havendo falta lhes seria debitado em sua conta. O patrão não teria prejuízos a assumir e era responsabilidade do comboieiro ser cuidadoso e não relaxado. Era-lhes cobrado também que não contassem histórias infundadas para que não causasse desgostos entre os fregueses ou a qualquer pessoa que habitasse os seringais.

Ainda em relação aos animais, estavam à disposição somente a serviço da casa, salvo em caso de necessidade de transportar doentes, mas vale ressaltar que ao doente lhe seria debitado em sua conta o serviço prestado. Se o comboieiro permitisse, infringindo o regulamento, que outros usassem os animais para montada ou para carga, lhes seria cobrado como punição, à multa de cem mil reis. Ou seja, estavam todos a todo tempo subordinados ao regulamento vigente nos seringais e assim, o seringalista exercia perfeitamente o seu papel como ganancioso, egoísta que sempre foi e porque não, senhor de si, dos seringais e empregados. Exercendo o seu poder de domínio sobre o seringal e o seringueiro.

Há no regulamento informações que assegura que “todo homem bem intencionado deve procurar não prejudicar a quem quer que seja quanto mais a quem lhe dá serviço, e que deste serviço resulta seu bem estar.” (BENCHIMOL, 1977, p. 235). Ou seja, o patrão não desejava ser prejudicado de forma alguma.

Na informação acima, de acordo com o poder que o seringalista exercia sobre os homens que ali executavam suas atividades cotidianas, as obrigações ou cumprimento dos deveres soavam como ameaça ao bem estar daqueles empregados, pois parece que estes receberam como ‘presente’ do patrão o serviço que devem exercer. Sendo deles cobrado respeito para com os companheiros, para que não haja desgostos. Mas, cabe aqui questionar, que tipo de ‘desgostos’ seriam estes? Seriam as multas como punições, pagariam com demissões ou com a própria vida? O autor Francisco Pereira Costa (2005, p. 75-76) sustenta que o patrão agia de forma bárbara, ele era disciplinador e punia com tortura os que porventura cometessem falhas e poderiam até mesmo eliminá-los, pois, ali sua vontade era lei.

Dos vários deveres aos quais estão sujeito os extratores, o regulamento nos apresenta o seguinte “Todo homem de bem tem seus deveres a cumprir, e para o bem geral de todos os

que habitam os seringais e dos que hão de vir, não podia eximir-se o extractor de uns certos deveres a que está sujeito.” (sic). (BENCHIMOL, 1977, p. 236).

Para serem pessoas caracterizadas como de bem deveriam os extratores ter seus deveres a cumprir fielmente, como por exemplo, viver em harmonia e respeitar a todos para que fosse respeitado, serem obedientes ao regulamento do corte, trabalhar em borracha quatro dias por semana, cortando e colhendo nas suas estradas, não permitindo exercer outra atividade, sendo que dessa maneira agradaria a casa, onde se sabe que esta é estabelecida para produzir borracha, e como já foi dito antes os seringueiros não estavam ali para trabalhar em agricultura, pois isto não era de interesse do patrão.

Afirma-nos o regulamento de Octávio Reis que caso o seringueiro falhasse em sua produção encareceria o modo de vida nos seringais, ou seja, subentende-se que o seringueiro pagaria por este prejuízo.

A eles era também cobrada por parte do seringalista a produção de borracha fina e de boa qualidade. A quantidade deveria ser de 50 latas de leite. Não menos que 45 latas, mais poderiam ser de 65 latas, ou seja, enquanto mais produzissem, melhor seria ao seringalista. Assim, o seringueiro deve ser disciplinado no seu trabalho diário para que seja bom extrator e sempre zele pelos interesses da casa onde vive. Seus direitos e interesses como observamos não conta em nenhum item do regulamento analisado. Este foi criado em favor dos interesses do senhor coronel do barranco.

Das proibições quando os trabalhadores vão aos seringais, estes não podem fazer transações com outros depósitos e tampouco com pessoas estranhas a casa. Não podem levar bebidas alcoólicas. Estando permitido o que lhes for conveniente. Conveniente principalmente ao seringalista é o que fica claro no regulamento. Pois foi este quem ditou as permissões e proibições no seringal. Então, sempre coube a ele designar o que estava de acordo ou não para o bem estar no local de trabalho. Ao seringueiro, cabia-lhe obediência, subordinação e disciplinamento ao que estava imposto antes mesmo de ser “oficializado” e publicado o regulamento dos seringais de Octávio Reis.

Do regulamento analisado, no que decreta o artigo f (p. 236) dos deveres a que está sujeito o extrator, este nos apresenta que reclamações somente seriam atendidas se fossem justas. Fala-se numa justiça, não no sentido jurídico relacionado ao direito ou aos princípios do direito, onde há uma autoridade que emprega leis, mas, neste caso, no poder de julgar a validade das reclamações feitas. Porém, percebe-se que o seringalista ou coronel de barranco

é ali no seringal a autoridade máxima. É ele que há de julgar todos os atos dos que habitam o local, aplicando, de acordo com o seu poder de domínio as multas, punições, demissões. Das reclamações, estas poderiam ser dirigidas por escrito ou verbal, devendo sê-las feitas com calma, e com bom humor. Interessante é que havia neste período em meio a selva, grande quantidade de seringueiros analfabetos ou sem instrução informal. Então, será que estas reclamações “escritas” por outros, como os gerentes do depósito, por exemplo, estariam de acordo com o que os seringueiros queixosos desejavam solucionar? Observemos o mesmo regulamento, no artigo j (p. 237) onde este traz a seguinte afirmação:

Dirigir ao escriptorio central as suas reclamações por **escrito**, quando não forem attendidas no deposito onde trabalha, e que, a seu juiso, tenham deixado de ser por espírito de perseguição ou para proteger a terceiros. (sic). (BENCHIMOL, 1977, p. 237).[grifo meu].

Podemos perceber então que reclamações poderiam não ser solucionadas junto ao depósito de onde os extratores faziam parte, por haver de certa maneira, ou perseguição a uns como também proteção para com outros. Ou seja, mesmo que fossem as reclamações escritas pelos gerentes dos depósitos em que os extratores trabalhavam estas não garantiam segurança na solução das reclamações ou queixas solicitadas pelos seringueiros. Em suma, os que sabiam escrever exerciam, de certa forma, também o poder através da utilização da escrita.

Outra exigência aos seringueiros que demonstra o poder de mando e domínio dos seringalistas estava relacionada ao pagamento de suas dívidas. Deveriam ser fielmente pagas para que obtivessem créditos e bom conceito junto ao barracão e ao patrão, garantindo-lhes estadia no seringal, como também a permissão por muito mais tempo no exercício de seus trabalhos, caso fosse de sua conveniência ali permanecerem.²⁹

Porém, observamos na obra de Costa (2005) ao citar Reis (1953) que os seringalistas agiam de forma bárbara contra os seringueiros que estavam ali sob seus domínios desde o momento de sua contratação. Vejamos então as características do seringalista:

Disciplinador por excelência, tem de mostrar-se à altura de quantos problemas lhe surgem, principalmente a ordem que deve ser mantida nos barracões, nos “fabricos”, nas tarefas de todo o dia. Muitas vezes se mostra **violento, indo mesmo à barbárie** no trato com os seus homens. Seu método de ação, por isso

²⁹ BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: um pouco- antes e além- depois. 1977. p. 237.

mesmo, lhe têm valido a acusação de desumano, **explorador do sangue** de seus jurisdicionados, senhor de escravos, barão feudal.

Ora, **é preciso compreendê-lo no meio social de onde veio** e em que vive. Lidando com homens, só com homens, dominados pelas angústias do isolamento na floresta, não pode, absolutamente, ser um tipo de salão, de gestos maneirosos, revelando educação aprimorada. O respeito que impõe, a direção que precisa dar aos negócios do seringal exige-lhe ação pronta, enérgica, e explica a aspereza. **Tem de ser dinâmico, rude, talvez tirânico.** Qualquer fraqueza, qualquer indecisão pode levar a um desastre. O senhorio que exerce precisa ser mantido sem hesitações. Lança mão de recursos bárbaros, muitas vèzes, para poder conter o desenfreno natural no ambiente duro, é verdade. **Quando os fregueses ousam fazer-lhe exigências, pretendem abandonar o trabalho, cometem faltas, empregam processos condenados na extração do látex, os meios de punição ou de correção que aplica são, realmente violentos. Tortura-os,** prendendo-os **no tronco,** como se fossem negros da época da escravidão. Se entende que sofreu uma desfeita que lhe macula a dignidade, pondo em jogo a própria honorabilidade, **não treme na ordem para eliminar o ofensor.** Age, assim, sem freios. **Sua vontade e lei.** A autoridade de magistrado civil ou militar que vive na sede da Comarca e, pela distância e falta de elementos materiais, quase não pode chegar ao seringal para o policiamento moralizador e disciplinador, ele a exerce, em consequência, a seu modo, ignorando a dos outros, a autêntica, a legal, exerce-a de acordo com a concepção primária de vida, de moral, a que se habituou desde infância. Faz justiça como lhe parece deva ser feita. (sic). (REIS, 1953, apud COSTA, 2005, p. 75-76). [grifo meu].

Observa-se, a partir da citação acima, que aos seringueiros ocorriam punições de toda ordem. E parece-me ainda que as atitudes deste patrão devam ser justificadas de acordo com o ambiente em que vive e de onde veio. Ou seja, fica subentendido que a região de onde vieram os definiam ou caracterizavam-no como violentos? As características do patrão seringalista são segundo o que nos apresenta a citação: disciplinadores, violentos, bárbaros, torturadores, exploradores, rudes, tirânicos, enfim, demonstram como são os seus meios de agir contra os seringueiros. E aos seringueiros que por ventura fizessem exigências, desajassem abandonar o seringal (trabalho), cometessem falhas - segundo o patrão - trabalhassem de forma errônea na extração do látex, os meios de punição eram violentos, seriam presos no tronco, torturados. Interessante é que, a dignidade do patrão não poderia ser ofendida, ele não poderia sentir-se ferido, caso contrário, seriam os seringueiros eliminados, porque ali, o seringalista era a lei. Mais uma vez observamos que há justificativa, ou seja, devido à distância e a falta de materiais e policiamento moralizador e disciplinador, e o seu modo de viver já desde a infância o faz agir desta maneira. Um homem, talvez, “justiceiro” por natureza. Assim, os padrões também os mantinham imobilizados nos seringais.

Entretanto, está exposto no regulamento de Otávio Reis que havia a necessidade de agirem dessa forma porque, segundo o que sustenta Samuel Benchimol (1977, p. 231), no

seringal “somos uma só família no cumprimento de nossos deveres,” que são considerados amigos, que há preocupação com seu bem estar, dentre outros cuidados.

Cada item ou decreto do regulamento nos apresenta um tanto quanto contraditório em relação aos outros que se seguem. Mas, o que é seguro nele é que os seringueiros estavam subordinados a cumprir disciplinadamente todos os deveres a que lhes era imposto. Ainda assim, os patrões se diziam amigos dos seringueiros. O regulamento deixa explícito que,

[...] não há **outro mister que favoreça ao homem inculto tantas vantagens – digo inculto porque para cortar seringa não precisa ser formado em cousa alguma, basta somente ter caráter e vergonha para ser um bom seringueiro.** (sic). (BENCHIMOL, 1977, p. 238). . [grifos do autor].

Analisando de outra forma, percebe-se que o exposto acima nos apresenta um padrão que lhes favorece, amigavelmente - já que os seringueiros não têm formação alguma -, vantagens, bastando para isto que os que ali trabalham tenham vergonha e caráter, para assim serem considerados bons seringueiros, gente boa, que mereçam no seringal permanecer por longos anos. Percebemos então que, não estando eles de acordo com o que manda o regulamento seja de corte ou de convivência, estes homens estavam sujeitos a toda sorte de punições, seja multas, demissões, e até morte.

No sistema corte, é interessante que nos é afirmado que “o extrator é senhor de si próprio, dono de sua casa, sabendo a que horas come e que dorme, vivendo em contacto diário com sua família, tendo o conceito de todos,” (sic). (BENCHIMOL, 1992, p. 104). Porém, observando de forma mais delicada, podemos visualizar neste decreto que o seringueiro sabe os horários estabelecidos para cumprir e principalmente os seus deveres. A todo tempo em todo o teor do regulamento lhes é mostrado os deveres que estão comprometidos para que sejam bem conceituados e considerados bons amigos, fiéis, responsáveis e dignos de continuarem a exercer as atividades de extração do látex nos seringais do Acre.

O inventor do corte pelo sistema “faca” foi o senhor José Cláudio de Mesquita, que segundo sua criação tinha a intenção de defender as riquezas do Amazonas.³⁰ Este sistema foi transformado em lei pelo governo boliviano e os que não cumprissem esta lei sofriam punições e multas. Seguindo este sistema as árvores seriam conservadas e também haveria abundância em leite e assim, Octávio Reis passou a adotar este sistema em seus seringais,

³⁰ BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: um pouco- antes e além- depois. 1977. p. 238.

como meio de fazer com que os seringueiros estivessem cada vez mais subordinados ao trabalho e ao patrão, pois, tinham mais normas a cumprir seguindo instruções no modo como cortar ou sangrar a árvore para dela extrair o leite.

Ainda do sistema “faca”, se diz que seringueiro inteligente reconhece ser esta nova forma de trabalhar a melhor, não havendo outro método igual. O seringueiro é obrigado a adotar este sistema, mas, o seringalista espera dos seringueiros sugestões para que este método seja mais fácil e rendoso, que traga melhores resultados, ou seja, pensando sempre num meio de lucrar mais, toda sugestão depois de analisadas seriam acatadas.

Das instruções do sistema faca, o regulamento dos seringais nos mostra as regras a serem seguidas:

Altura de arreação: - 1,60 – 7 palmos mais ou menos

Largura de arreação e raspagem: - 17 centímetros de largura e outro tanto de comprimento, notando-se que a raspagem deve ser bem leve, de forma a não maltratar a árvore. Há seringais em que não se raspa, limpa-se apenas a madeira em vez de raspagem. Recomenda-se não parar de cortar a seringueira estando raspada, perdendo também o extractor o tempo que gastou na raspagem, e a seringueira aquela parte raspada que não produziu. Há extractores que começam raspando uma chave e terminam com dois palmos. Preciza evitar esta anormalidade, tendo o máximo cuidado de não enlarguecer a raspagem na proporção que vai baixando a arreação. Deve procurar trazer sempre a mesma largura com que principiou.

Comprimento do corte: - 17 centímetros – uma chave mais ou menos.

Distância de um corte a outro: - $1/2$ centímetro, mais ou menos.

Distância das arreações: - o espaço de uma arreação a outra, em volta da árvore, deve ser de 60 centímetros ou 3 palmos, mais ou menos. (sic) (BENCHIMOL, 1977, p. 239).

Dessa forma percebe-se que se passou a utilizar todo um cuidado especial para com o método de extração nas árvores, não com intenção de proteger a madeira em si, mas sim os possíveis lucros que daria ao patrão futuramente. Importante ressaltar que este era mais um método de fazer com que, através de cuidados minuciosos ao extrair o látex, os seringueiros não desperdiçassem nem tempo nem tampouco o líquido precioso que enriquecia o patrão. Era então, mais um meio de punição aos que cometessem erros no trabalho de extração, mais um mecanismo para o patrão agir, sendo bárbaro como já nos demonstrou Francisco Costa (2005, p. 75-76).

No momento de conversa com o seu pessoal o seringalista lhes fala como nos apresenta o regulamento de Octávio Reis, segundo Benchimol (1977), o seu método “amigável” de conduzir o bom andamento e/ou funcionamento dos seringais sob seus

domínios e começa a lhes dizer que é amigo, e justifica dizendo que em sua casa todos devem conviver respeitosamente para que possam ser considerados amigos, pois, ali impera o respeito. Dessa forma, viverão com tranqüilidade. Este é um meio de fazê-los com sintam-se próximos, considerados membros de sua família. Sem deixá-los esquecer de que no seringal todos devem ser respeitadores, honestos e que tudo esta sob seu domínio. Assim vai deixando claro o poder que exerce naquele local.

O seringalista explica o porquê se interessa por tudo que está ligado a sorte dos seringueiros, e dessa maneira, o que percebemos é que, se o seringueiro está bem, o seringal e a produção estará caminhando como o desejado. O que trará benefícios tanto ao barracão quanto ao lucro almejado pelo patrão. Outra preocupação do patrão é quanto à fartura na casa dos seringueiros, o que significa “felicidade” a ambos, pois, seringueiro feliz quer dizer que a produção segue em alta, que trabalha honestamente e com esforço, o que garante ao seringalista bons rendimentos. A preocupação em si, percebe-se que não é com o bem estar do extrator, mas com o quanto ele deve produzir, o que proporcionará ao seringalista garantia de lucro, porém, ao seringueiro no que tange a “fartura”, lhes é garantido tão somente uma precária sobrevivência, pois, o que consome do barracão tem preços abusivos.

Em relação aos que adoecem o seringalista em sua conversa diz que não os abandona mesmo que estes não tenham saldo, e não faz isto por caridade, pois sabem que extrator doente não tem utilidade alguma. É o que afirma Benchimol (1977, p. 240) no regulamento quando diz: “o homem doente nada produz, é um inútil, e para que possa produzir os mando tratar”. De acordo com esta afirmação, entendemos que os enfermos trariam ao patrão um risco maior, já que não produziriam e assim haveria queda na produção e quanto a isto o patrão não poderia arcar com prejuízos e perda nos lucros. Lucro este que aumentava com tratamentos e medicamentos dispensados aos doentes, pois eram vendidos no barracão a preços abusivos aos seringueiros já tão endividados. Então, dessa maneira, entendemos que os manda tratar pensando tão somente na produção de borracha, e não na saúde do homem que ali exerce sua atividade extrativa.

Outro dado importante é referente ao recebimento de seus saldos. O patrão diz que os seringueiros recebem seus saldos quando querem e age assim para que estes lhes tenham como exemplo e paguem suas dívidas fielmente, para que tenham crédito e a confiança do patrão. Porém, em análise realizada no regulamento observa-se que dificilmente o seringueiro obtém saldo, este está sempre endividado porque as mercadorias adquiridas no barracão sempre são cobradas com valores acima do normal e quanto a sua produção lhes é paga de

modo que os preços quem define é o patrão, com valores abaixo do que seria correto, e há o período das chuvas em que a produção cai bastante, dificultando assim ainda mais o seu trabalho e possivelmente a liquidação da dívida e tampouco recebimento de saldo.

Em outra parte do regulamento se fala de conversa junto ao patrão com completa liberdade, como se falassem com um colega. E o motivo para que isto aconteça é porque se eles trabalham honestamente merecem respeito e também esta “liberdade”. Ou seja, lhes é cobrado sutilmente, a todo tempo, honestidade ao viver e trabalhar no seringal. Para que o seringalista em nada venha ter prejuízos.

Da organização do transporte, o seringalista lhes diz que este processo é organizado. E dessa maneira, os seringueiros recebem as mercadorias em suas próprias casas, em datas certas, em perfeito estado de conservação e que caso queiram devolvê-las, o seringalista lhes dá este direito, mas, deixa claro que esta atitude de devolução e de regresso do comboio sem a produção esperada muito lhes custa e pede que procurem evitar esta ação. Vemos que lhes dado o direito de devolução de produtos, mas ao mesmo tempo lhes é tirado este direito, pois isto custará ao patrão e claro, o seringueiro não vai querer contrariar o patrão, afim de não haver descontentamento ou desgosto entre ambos. Neste decreto ou artigo o patrão lhes explica todos os procedimentos de vinda das mercadorias de Manaus até a casa dos seringueiros, o prejuízo com perda de tempo, gastos com comboio, a lancha, a seu compromisso na praça caso não entreguem a produção de borracha e este é o maior prejuízo ao patrão. E assim, vai dizendo-lhes todo o processo, e caso ocorra algum desses problemas, o patrão lhes pergunta de quem é a culpa, os fazendo sentirem-se culpados, claro, e ainda lhes diz, como consta no regulamento, segundo Benchimol, “Se vocês tivessem o cuidado de nunca faltar com a borracha que podem produzir, dada a fertilidade de leite nos seringas, podia-se francamente contar com 250 kilos mensaes de cada homem” (sic). (1977, p. 241). Enquanto o patrão lhes diz todo o processo de vinda das mercadorias e lhes imputa toda e qualquer culpa, ainda, impõe a eles condições elevadas para honrarem compromissos e assim passarão a viver bem e com fartura nos seringais, em situações melhores. Mas, os seringueiros só conseguiriam viver nestas condições se trabalhassem com vontade, capricho e cuidado. Como assegura o regulamento, nos seringais onde os trabalhadores são relaxados e não trabalham muito, com vontade, com zelo, se torna vergonhoso o local, sem fartura. Ou seja, mais uma imposição, de maneira que seja entendido como forma amigável.

Como vimos detalhadamente todos os deveres a serem cumpridos, como do sistema “faca”, ainda há o regulamento geral, onde este traz como conteúdo um resumo de tudo o que

já foi dito antes. E volta a firmar que nos seringais é necessário que se respeitem e que trabalhem com decência, com vontade de ganhar dinheiro, com intenção de melhorar de vida, mas, para isto é preciso que seu trabalho na extração do látex e produção de borracha seja firme e honroso, caso contrário não alcançarão o desejado. Também não podem esquecer, de acordo com o regulamento, que o seringal é um núcleo de trabalho.

O regulamento “lembra” ao seringueiro que seja pontual referente ao pagamento de suas dívidas e deixa claro que, o homem que não paga o que deve, não pode ser considerado homem de bem. Como nos assegura Benchimol, no regulamento há este dever “(d) **Pagar as suas dívidas pontualmente**, quer contrahidas no depósito onde trabalha ou onde quer que seja, porque **o homem que se nega de pagar o que deve** não é um homem de bem.” (sic). (BENCHIMOL, 1977, p. 242). [grifos do autor].

Interessante são as contradições encontradas, pois no regulamento há os seguintes deveres tanto dos gerentes dos depósitos quanto dos extratores:

(f) **Não aceitar freguez de outro depósito**, sem autorização do gerente daquelle, e **facilitar tudo o que estiver ao seu alcance em benefício do outro depósito**, facilidades estas que não tragam prejuízo ao seu.

(e) **Fazer as suas transacções somente com o depósito onde trabalha para engrandecimento deste, e não o fazer com outro depósito**, mesmo que seja da mesma firma, muito menos com pessoas estranhas à casa. (sic). (BENCHIMOL, 1977, p. 232- 236). [grifos do autor].

Analisando todo o regulamento de Octávio Reis, pudemos constatar que o seringueiro sempre foi proibido de comprar de outro depósito ou de estranhos e até mesmo de depósitos que pertencessem ao mesmo seringalista, de mesma firma, mas, de sedes diferentes. E como havia a permissão de lhes ser cobradas dívidas contraídas em qualquer outro local como nos mostra a ordem de letra (d) que consta na página 242 deste regulamento, onde nos diz que, “pontualmente o extrator deve pagar suas dívidas mesmo que tenham sido contraídas onde trabalha ou em qualquer outro local”. Como assim? É um tanto contraditório. Poderia então estes seringueiros pagar dívidas que não fossem suas, já que eram explorados a todo tempo e de todas as formas, pois, como estes trabalhadores constatariam a ilegalidades de dívidas que por ventura não fossem suas? Cabe fazer então uma reflexão.

Os homens chegavam despojados de tudo nesta região e era então preciso iniciar a vida já dependendo dos que os contrataram como os patrões ou seringalistas. Estes sim, os trouxeram para serem trabalhadores semelhantes aos escravos, onde exerciam uma tarefa

árdua, obedecendo a um regulamento severo onde os nordestinos-seringueiros tinham que cumprir regras absurdas, deixar de serem livres e exercer tão somente o que estava imposto sob riscos de sofrerem punições rigorosamente ou até mesmo serem mortos. A situação era crítica ao ponto de Euclides da Cunha (1999, p. 13) ao presenciar quando esteve aqui, afirmar que o seringueiro “é o homem que trabalha para escravizar-se”.

É certo que este homem que veio em busca de também enriquecer, melhorar de vida se viu preso numa teia de regras ou ordens impostas da qual não poderiam fugir, a não ser se conseguissem liquidar a dívida adquirida ainda na partida da região do Nordeste para a Amazônia, porém, criaram meios de fuga, o que será abordado em outro subcapítulo. Quanto à dívida esta era difícil ser liquidada, pois tudo dele era cobrado: das vestimentas, da passagem, alimentação, instrumentos de trabalho, medicação, dentre outros. Tudo tinha valor extremamente abusivo se comparados aos preços praticados normalmente à época. Era mais um mecanismo utilizado como forma de exploração que o seringalista detinha para lucrar mais ainda, e também era um meio de manter os nordestinos presos a este sistema capitalista onde ocorre a exploração do homem pelo homem.

2.2 O BARRACÃO COMO INSTRUMENTO DE EXPLORAÇÃO

Sem produzir seu próprio alimento, o trabalhador era submetido a endividar-se no barracão, pois, era deste local que se mantinha com alimentos, ferramentas, vestimentas e medicamentos, entre outras necessidades básicas.

Para melhor compreensão do endividamento, disciplinamento e subordinação do seringueiro, pudemos analisar o “Regulamento” dos seringais de Octávio Reis que foi publicado em 1934 e que serviria de orientação aos seringueiros para o bom andamento e/ou funcionamento dos seringais. Podemos observar que, a publicação foi de certa forma, um meio de oficializar o que já estava imposto como regras e ordens já há muito tempo antes. E o que comprova isto é o Regulamento do Seringal Cruzeiro do Valle publicado ainda em fevereiro de 1911, no jornal de Cruzeiro do Sul, na página 4, por Leopoldina Corrêa do Valle, onde neste regulamento são colocados todos os deveres dos extratores quanto aos procedimentos ao cortar as árvores para extração do látex.

No início do regulamento há a seguinte afirmação “Sendo uma necessidade regulamentar as relações entre patrões e freguezes tem a proprietária do seringal ‘Cruzeiro do

Valle', em bem de uma e de outros, resolvido firma essas relações nas bases seguintes:" (sic). (Jornal Cruzeiro do Sul, p. 4). E o que foi percebido em todo o teor do documento é que aos extratores lhes é imputado somente deveres, como por exemplo, "ser obrigado a usar no corte das seringueiras somente machadinhas fornecidas pela casa", ou seja, era um meio de o seringueiro não buscar obter de outra sede os instrumentos de trabalho. Era ele também avisado a ter cuidado com as árvores, como colocar as tigelinhas, como golpeá-las, deveria limpar as estradas antes de começar o corte anual, ter cuidado ao defumar a borracha, dentre outros cuidados.

A proprietária se dispõe a pagar gratificações caso o seringueiro cumprisse algumas metas, porém, ele perderia esse direito caso se tornasse viciado em jogos de cartas e também caso se entregasse à embriaguês. Se usassem armas que eram proibidas, se causassem desordem no local, distrair-se em festas em suas barracas ou em outras perdendo tempo do trabalho, não podem ter débito com terceiros, não podem fazer transações com regatões ou desviar produção, dentre outros impedimentos. Como vemos os extratores não tinham direitos adquiridos, somente obrigações a cumprir. E este regulamento da proprietária do Seringal Cruzeiro do Valle Leopoldina do Valle justifica o que já fora afirmado antes sobre o regulamento de Octávio Reis do ano de 1934. Os extratores nos seringais deviam disciplinamento e seguiam um regulamento pra poder ali exercer suas funções quanto à extração de látex.

Percebe-se que mesmo o regulamento afirmando serem ali todos iguais, há uma divisão de funções já desde a sede central que é o barracão, onde os seringueiros estão subordinados a obedecer ao restante dos empregados que são os gerentes, guarda-livros, empregados do balcão, os comboieiros, os fiscais, empregados de campo e diaristas. Os extratores devem obedecer a estes empregados, ao seringalista e também ao regulamento de corte. Em resumo, o seringueiro é um subordinado a tudo e a todos que ali habitam.

Seringueiro não poderá ser aceito como freguês no barracão se já for de outro depósito, salvo se o gerente estiver autorizado e assim não causar prejuízo ao seu depósito. Deverá ser atendido com prontidão em caso de doença, mas sabemos que isto ocorrerá se ele tiver saldo e caso não tenha lhe será debitado em conta. Ou seja, o patrão não faz caridade, porque acredita que o seringueiro não necessita de caridade e sim dos serviços que lhes é oferecido. O freguês caso tenha saldo é considerado amigo, bom homem, honesto, e será respeitado pelos demais.

O trabalhador é também ali nos seringais vigiado, pois no regulamento diz ser necessário que os trabalhos realizados por estes empregados sejam reparados com critérios e que não é permitido nem proteção nem tampouco que haja de certa forma, perseguição por ódio a algum trabalhador. Fica entendido que se merecessem continuariam no emprego. Bastando serem obedientes, que produzam muito e que vivam satisfeitos nos seringais, seguindo fielmente o que está imposto. Mas, para que possam continuar neste local é necessário merecimento, o que só conseguem se não infringirem o regulamento e se alcançarem produção elevada.

Mas o que seria este viver satisfeito no seringal, já que o modo de vida ali não era dos melhores, porque havia a exploração, as doenças, a miséria, a solidão devido à saudade dos seus e de sua terra? Havia ainda as dívidas absurdas a serem pagas, mesmo estes homens tendo consciência de que o que lhes era cobrado estava fora da realidade.

Havendo dúvidas em suas contas, o seringueiro recorreria às explicações do guarda livro, que exercia importante poder e confiança junto ao seringalista no barracão. E este deveria viver em harmonia com o gerente para o engrandecimento da casa. Assim, percebe-se a todo tempo que lhes são cobrados os deveres, porém até aqui não observamos em nenhum momento quais são os direitos destes empregados, embora tanto o guarda livro quanto o gerente exerçam poder sobre o seringueiro, ambos devem obediência ao seringalista.

A todos os empregados do barracão fica o dever de cumprir, como nos apresenta Benchimol com fidelidade o regulamento e todos os seus decretos, como:

- (l) Fazer cumprir fielmente o regulamento geral da casa;
- (h) Cumprir e fazer cumprir fielmente este regulamento;
- (f) Cumprir e fazer cumprir este regulamento para seu bem e para o bem geral. (BENCHIMOL, 1977, p. 232, 233, 234).

Além de haver todas as tarefas a serem realizadas cotidianamente das quais sabemos serem intermináveis nos seringais da região, ainda havia este regulamento que, de certa forma, prendia e perseguia estes homens subordinando-os a um trabalho, como nos diz Cunha (1999), seguindo um contrato doloroso, em regimes assombrosos.

Interessante é que ao analisarmos o regulamento percebemos que neste há informações que nos revela que o empregado do balcão não poderia jamais ser relaxado, tendo ele que limpar e vigiar as mercadorias para que não venha faltar e assim causar prejuízo

ao patrão; ele tem que cuidar da qualidade da mercadoria não fazendo com que esta se “passe” por boa, caso não tenha qualidade, ou que seja produto inferior. É cobrado do empregado do balcão que seja honesto para com o freguês, pois, a casa não precisa deste somente uma vez. Será que isto realmente acontecia? Até porque ali o único freguês a sustentar o barracão e o patrão era o seringueiro. E de acordo com o regulamento o seringueiro não poderia adquirir seu alimento, suas ferramentas, suas vestimentas e medicamentos noutros depósitos. Então parece um tanto quanto contraditório todo este cuidado no “atender”, no ser “honesto”, “delicado” com o seringueiro, já que este não tinha alternativa como as que temos hoje se comparando às concorrências de mercado ou comércio vigente.

Estas informações também nos possibilitaram entendimento no que diz respeito às cobranças para que o empregado do balcão não fosse relaxado, para que não acontecessem prejuízos ao barracão. Ficando subentendido uma singela cobrança de honestidade para com o barracão e seu proprietário.

Como dito antes, afirmado seguramente por Samuel Benchimol (1992), o homem quando vem para o seringal é para produzir borracha e logo quando chega à selva amazônica são as margens dos rios que eles passam a construir os barracões. E segundo Mário Guedes em sua obra “Os Seringaes”, de 1920, “o barracão é construído de madeira, guardando em alguns casos uma relativa esthetica propria a taes construcções”. (sic). (GUEDES, 1920, p. 92). Este autor afirma também que por vezes utilizam nestas construções a “paxeúba”³¹, o cavaco, a madeira, telha e zinco. Estes barracões são construídos elevados, sobre fortes “barrotes” de madeira de lei para evitar a água no período de inverno ou cheias e também a umidade mesmo não ocorrendo alagações. Como o barracão é a casa matriz no seringal e é onde habita o patrão, de certa forma sua estrutura é mais confortável, sendo sua cobertura feita com telhas de zinco, que é material importado. Mário Guedes sustenta que:

Acolá é que se effectuam todos os negocios, todas as transacções desdes as maiores ás menores. Tudo se resolve alli. Nada tem sancção, em effeito, sem o consentimento da “casa”. Em suma, o que não levar o seu *placet* está fóra da norma. É, por conseguinte, illegal, conforme a regra estabelecida.

É no “barracão” onde se acha depositado todo o *stock* de mercadorias, “grossas” e “finas”. Bem como é lá que se vae collocando a borracha que todo seringal produz.

Por tudo isto, é alli que se dirige a exploração da industria da borracha. (sic). (GUEDES, 1920, p. 95-96).

³¹ Mesmo que paxiúba, espécie de palmeira utilizada para se fazer assoalhos e paredes de casas.

Analisando o que nos diz o autor, mesmo em meio à selva com construções simples e toscas, o barracão representava um lugar significativo, pois, era a partir dali que tudo era controlado minuciosamente. E para que o seringal funcionasse era necessário haver organização pessoal naquele local onde uns passavam a dominar os outros. Onde as transações eram resolvidas, controlando os negócios, o ambiente, as mercadorias e por assim dizer a vida humana também, ficando subentendido que o homem era ali uma mercadoria ou objeto pertencente aos patrões, já que faziam parte de negociações que geravam lucros ao proprietário do seringal ainda no momento em que vinham para a região amazônica.

Como todas as questões eram solucionadas no barracão, este local fazia com que os nordestinos estivessem subordinados àquele ambiente e também aos que habitavam esta casa, pois, ali havia uma hierarquia entre os trabalhadores com suas devidas funções. Estavam estes homens sujeitos a cumprir as normas estabelecidas a partir daquele local, porque toda decisão necessitava do consentimento da “casa” e de seu proprietário.

Segue então, de acordo com o que nos revela o autor Mário Guedes (1920, p. 96) um resumo de quem são os habitantes no seringal “o ‘patrão’, e, em seguida, os seus subalternos que são: - o ‘gerente’, o guarda-livros e caixeiros, os ‘homens de campo’, os ‘comboeiros’, os ‘matteiros’, os seringueiros, os ‘aviados’”. (sic).

São construídas ali as barracas onde habitam os empregados, os homens de campo e os seringueiros. Estas barracas são construídas com paxiúbas coberta por palha, onde seus lados são ligados por “capotes” para evitar que penetre água.

2.3 O COTIDIANO DE DISCIPLINAMENTO

A vivência dos seringueiros na Amazônia, no seu cotidiano de trabalho tinha diversas condições, como por exemplo, a de serem trabalhadores sozinhos, sem seus familiares e dessa forma todo seu tempo era para exercer a atividade de extração, sem ter a preocupação com seus entes em meio à selva, já que vinham para este local com a intenção de voltar logo e não criar vínculo com a terra. Outra proibição era a de não exercer qualquer que fosse outra tarefa que não fosse extração do látex, como cultivar seu próprio alimento ou o hábito de pescar. Não poderiam ter tempo disponível para nada a não ser produzir borracha, que sustentava os

coronéis de barranco, as casas aviadoras e exportadoras, como principalmente a indústria internacional.

Em seu cotidiano havia outra condição desfavorável, que era a deficiência alimentar, já que os alimentos consumidos no seringal pelos seringueiros não eram frescos e isto causava doenças e em conseqüência a morte de muitos.

No seringal, eles acabavam por definharem num isolamento, solitários, sem seus familiares, sem até mesmo ter contatos diários com outros trabalhadores. Era o seringueiro um solitário degradado. Era ele, como nos afirma seguramente José Fernando Dias ao escrever notas para um esboço de análise na obra de Sebastião Antônio Ferrarini chamada *Transertanismo: sofrimento e miséria do nordestino na Amazônia* e ao citar Márcio Souza, diz que o seringueiro, retirante nordestino é “mais um ‘vegetal’ do extrativismo. Farrapos humanos que vão se juntar aos outros contingentes de homens espoliados (índios, mestiços, negros de Barbados), forçados ao pesadelo do trabalho escravo nos seringais.” (FERRARINI, 1979, p. 15).

Era outra forma de disciplinamento manter estes homens sozinhos na região, sozinhos por não estarem juntos de seus familiares, e dessa forma trabalhariam focados na produção da borracha e não se preocupariam com o bem estar de seus dependentes, com desperdício de tempo em outras atividades. Mas que vez ou outra se encontravam com os demais extratores quando iam aviar-se no barracão ou em outros momentos, como será abordado mais adiante.

O regulamento analisado nos revela o quanto o seringueiro deveria ser disciplinado e subordinado ao patrão. Deveria cumprir e ser fiel a todas as ordens impostas, obedecer ao patrão e aos outros empregados do seringal, como os fiscais, guarda-livros, comboieiros, gerentes, empregados de campo e diaristas, ou seja, se quisessem viver em harmonia tinham que ser respeitadores, obedientes, fiéis, produzirem sempre mais, não causar prejuízos ou danos aos patrões, nem tampouco às árvores, já que havia um regulamento que ensinava como deveria ser o corte na seringueira.

O seringueiro era o principal cumpridor dos deveres para que fosse bom e próspero o andamento dos seringais, já que todo o lucro do patrão era extraído do trabalho exercido pelo homem que estava ali em busca de sobrevivência. Ao final, percebe-se que a conta abusiva quem pagava era este trabalhador.

A todo tempo era cobrado dele disciplina, pois, deveria manter as estradas sempre limpas, ser zeloso com seus instrumentos de trabalho, gostar de trabalhar, não causar prejuízo ao patrão, não adoecer e nem ser conduzido ao barracão, pois, caso isto ocorresse estariam subordinados a uma despesa de 10\$000 diários, como nos afirma Cunha (1999). Não deveria devolver mercadorias; pagar fielmente suas dívidas, fazer reclamações com bom humor; ser disciplinado, cumprir horários, não infringir o regulamento sob a pena de ser dispensado do serviço. Em resumo, o seringueiro era um ‘encarcerado’ a cumprir ordens, num seringal onde exercia um trabalho exaustivo e que ao final não lucrava em nada, pois, como afirma Cunha (1999) em sua obra *À Margem da História*, “o seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se”. Outro autor que nos informa como era o seringal é o estudioso Oliveira (1982) em seu livro *O sertanejo, o brabo e o posseiro*, quando diz que “O seringal era um mundo hostil ao trabalhador”. Este trabalhador não tinha direito ao que produzisse, assim nada seria seu. Era este trabalhador um hóspede dentro da própria casa.

Por isto que o seringueiro não se ligava, de certa forma, a terra, pois, no regulamento há um artigo que impõe que o que for produzido pelo trabalhador, este perderá totalmente o direito. Todas as benfeitorias que tiver feito nada serão suas, e assim que sair do seringal abandonará tudo o que ali estiver melhorado ou construído.

No regulamento é perceptível que não há direitos, há somente deveres, para serem cumpridos disciplinadamente. A justificativa é de que tudo precisa de organização e ordem. Um seringal não pode deixar de ter seu regulamento já que todos os seus habitantes têm que orientar-se de seus deveres, de acordo com funções ou trabalhos que cada morador exercerá.

Para que se viva com respeito e harmonia é necessário obedecer e ser fiel ao regulamento, pois no seringal, segundo o regulamento de Octávio Reis, o autor Samuel Benchimol nos apresenta o seguinte, “somos uma só família no cumprimento de nossos deveres, sem exceção de raça, crença religiosa, nacionalidade, posição”. (BENCHIMOL, 1977, p. 231).

Estes regulamentos internos utilizados nos seringais se justificam em comparação a uma nação, em que precisam de leis para reger-se e assim estas leis tem que ser obedecidas para que não seja desorganizada, e por fim, não tenha curta duração uma sociedade em movimento.

Demonstra de certa forma, um interesse em continuar por muito tempo este processo de exploração tanto das seringueiras pela extração do látex, quanto do homem por seu

trabalho na produção de borracha que sustentava na época a indústria internacional e o padrão ambicioso.

Era preciso criar uma consciência de obediência e disciplina no seringueiro para com o patrão, porque eram ali todos subordinados. Todos tinham seus deveres a cumprir.

Tornando-os subordinados e disciplinados os seringueiros obedeciam todas as ordens e não buscavam praticar outra atividade que não fosse à extração do látex, pois, como vieram para os seringais deveriam ser fiéis ao regulamento e mais precisamente a atividade de extrator. Era o regime do seringal, como afirma Benchimol, “entre os deveres do seringueiro estatui-se que ele ‘deve ter em consideração que quando vem para os seringais e se coloca como extrator, é para produzir borracha’”. (BENCHIMOL, 1992, p. 40). No entanto, veremos que os extratores muitas vezes burlavam algumas “ordens” impostas pelos seringalistas.

Ao extrator, principal cumpridor dos seus deveres e devedor no barracão, deve sempre manter limpas as estradas, estando a trabalhar de acordo com mais um regulamento que é o do corte em vigor. E para que seja disciplinado às imposições deste regulamento, cabe aos fiscais, que são tidos como homens sérios, fiscalizar o andamento de seus trabalhos. Percebendo alguma anormalidade na execução das atividades, cabe ao fiscal ensinar ao seringueiro como proceder corretamente, e deverá avisar à casa a anormalidade cometida. Ocorrendo reincidências por três vezes, do seringueiro será cobrada multa, podendo ser suspenso se seu trabalho.

É dever do fiscal, segundo o regulamento, no item (c) “ensinar ao extractor a forma de corte e, quando seja preciso, ajudal-o a melhorar a estrada, caso esta tenha menos de 150 árvores para que se verifique o aumento do leite”. (sic). (BENCHIMOL, 1977, p. 235).

Era exigido do empregado de campo e diaristas obediência ao horário de trabalho, o serviço deve ser realizado com vontade e capricho, pois o que se faz com má vontade não dá bom resultado para ambas as partes. E isto é verdade, já que se o seringueiro não exercesse a produção da borracha não conseguiria manter-se nem tampouco obter saldo, e quanto ao patrão este não obteria o lucro ou enriquecimento tão desejado.

Em relação ao seu trabalho cotidiano houve imposições quanto aos cuidados relacionados à saúde dos seringueiros, não visando o cuidado com o ser humano em especial, mas sim com o local, como as estradas de seringa, sua casa, seus instrumentos de trabalho e seu bem-estar, para que não adoecessem e nem causassem prejuízos na produção de borracha. O seringueiro deveria trabalhar diariamente de forma a seguir métodos para que não

ultrapassassem suas condições físicas e continuassem de certa forma, com vontade e/ou disposição para o trabalho na extração gomífera, cotidianamente. E para esta tarefa diária, necessitava o seringueiro ter boa saúde, já que o trabalho exigia muito dele.

Nos seringais de Octávio Reis, segundo seu regulamento, podemos analisar que havia neste um sistema de corte para a extração do leite na “árvore mãe”, já que era assim que denominavam a seringueira. Era mais um mecanismo de subordinação cotidiana para a atividade extrativa.

No então sistema de corte, este informa que do leite da seringueira ao homem lhe é proporcionado facilidades e que todos aqueles que passam a viver dela não se acostumam a exercer outro serviço. Como percebemos esta é uma forma de impor ao seringueiro de que este é o melhor meio de viver, e que outro serviço que busquem como atividade não os proporcionará melhor meios que o que proporciona o trabalho de extração do látex. Justificam que ali o seringueiro vive feliz a extrair o leite e também o fato de estarem em contato com as fertilidades da natureza. Porém, no sistema de corte nada nos é mostrado em relação às dificuldades que estes migrantes nordestinos passaram diante dos contrastes que vivenciaram nos seringais da região. É afirmado também que o homem não dá o devido valor que a árvore merece, já que esta é uma das maiores riquezas da floresta brasileira. Mas, o devido valor que este homem não dá, mesmo que inconscientemente, talvez seja porque eles foram ali, em meio à floresta amazônica, jogados a própria sorte, num local sem infra-estrutura, sem preparos para receber uma massa de migrantes, sem cuidados básicos para povoamento, ficando eles subordinados a exercer e cumprir um trabalho semelhante à de escravos, mas, que agora já estava em vigor o modelo capitalista.

Considerando que, quem adotou o sistema de corte, exige que os extratores tenham carinho com a seringueira que faz seus dias felizes. Que estes não sejam ingratos para com a árvore que é bendita e que proporciona um trabalho remunerado e que lhes livra do chicote do capataz. Por isto a utilização da expressão “trabalho escravo”, já que os escravos passaram por estes meios de punição no período da escravidão.

O pessoal da casa tinha deveres a cumprir para com os extratores, que era de fornecer três estradas de seringa e os elementos para que estes pudessem exercer suas atividades da produção. Devem ajudá-los gratuitamente no preparo de suas casas, na limpeza das estradas para que não comecem seus serviços atrasadamente e não fiquem sem obter condições de liquidar suas dívidas fielmente. Ou seja, esta ajuda “gratuita” tem intencionalidades, que é a de o seringueiro começar a cumprir seus deveres de imediato e que não perca tempo sem

produzir e assim liquide tão logo suas dívidas junto ao barracão, esta contraída antes mesmo de dar o primeiro corte na árvore seringueira.

2.4 PRÁTICAS DE INSUBORDINAÇÃO E RESISTÊNCIA

No cotidiano de seringueiros, na sua vida no seringal com suas dificuldades em meio às normas e regras de trabalho na exploração tanto de trabalho de extração quanto de tudo que havia na região, os homens que ali estavam não poderiam ser tidos como passivos. Tão somente como meros seres obedientes ao que estava imposto pelos patrões. Estes homens, alguns pacientemente viviam suas vidas com o intuito de enricar e voltar ao seu local de origem, porém, de acordo com o cotidiano vivenciado por seringueiros muitos buscaram outras alternativas como práticas de insubordinação e resistência.

Ainda no regulamento de Octávio Reis, na página 236, na regra de letra (e) se diz que não é permitido ao extrator levar para os seringais as bebidas alcoólicas, porém analisando o outro regulamento de Leopoldina, já citado anteriormente, esta buscou através de possíveis gratificações manter seus extratores longe de certa forma, de envolvimento com embriaguês ou até mesmo vícios com jogos de cartas. Ou seja, ainda em 1911, aqueles trabalhadores burlavam as regras impostas e apresentavam resistências mediante ao cumprimento do que estava estabelecido.

Outro dado importante está relacionado às transações com o regatão.³² Leopoldina em seu seringal não admitia esta infração e tampouco se podia fazer no seringal de Octávio Reis, junto a outros depósitos. No entanto, percebe-se que esta transação ocorria porque como afirma Cleusa Rancy

[...], acostumados a prejuízos que lhes advinham dos contratos e compromissos de trabalho, o regatão representava a tábua de salvação em sua situação de servo da gleba selvagem e do sistema que o envolvia, pois ao menos conseguia com isso satisfazer algumas necessidades e vaidades que lhe davam a ilusão de homem livre para realizar negócios com quem melhor lhe conviesse. [...]. (RANCY, p. 117)

³² Termo usado para identificar, segundo Rancy (1992) o sujeito que desenvolve comércio ambulante pelo interior amazônico. Serve também para designar a atividade por ele desenvolvida.

Neste sentido percebemos a necessidade que o extrator tinha de efetivar essa transação como uma maneira de se realizar ou satisfazer-se, como também de burlar as imposições do patrão que o enganava nas transações de trabalho na produção. Sentia-se de certa forma, livre para exercer ali nos seringais os seus “negócios”. Mesmo sendo considerada pelo seringalista uma atividade clandestina já que era realizada sem a sua permissão. Era um mecanismo de insubordinação. Vemos então outro tipo de demonstrar insatisfação e de certa maneira uma vingança contra o patrão que o explorava. O extrator desviava a borracha em troca de outras mercadorias com o regatão. Esta era a “moeda” entre estes negociantes.

Houve formas mais agressivas para os seringueiros demonstrarem resistências às explorações que os patrões exerciam sobre eles. Esta se deu numa comunidade do interior de Humaitá, local denominado “lago comprido”, nos seringais do Rio Madeira. Numa comemoração aos festejos a São João estava ocorrendo uma festa e muitos seringueiros saíram de suas colocações para também participarem do momento. O que também fez o seringalista chamado Francisco Gomes dos Santos que foi ao local com sua família e alguns de seus aviados. Chegou um momento em que este solicitou ao seu aviado de nome Antônio Severino da Silva que fosse buscar no barracão um rifle para da salvar ao Santo. No entanto, o aviado atendeu ao pedido e quando retornou aproveitou-se que o patrão estava sem a presença de seus capangas e sem titubear apontou a arma contra o patrão, acertando-lhe um tiro na testa assassinando-o instantaneamente. Em suma, percebemos que este seringueiro não estava satisfeito com aquela vida no seringal. O autor do trabalho que consta este episódio afirma que aquele momento da festa fora talvez a única oportunidade que homem teria pra se ver “livre” daquele que o humilhava e explorava por longos anos no seringal.³³

Analisadas as exposições acima percebemos que os fatos ocorridos e principalmente causados por seringueiros desconstruem a caracterização que se tem deste homem ser tão somente passivo ou sem vontades próprias, que tenham vivido nos seringais como meros subordinados e disciplinados.

Eles também demonstraram de certa forma, outro tipo de revolta, como por exemplo, a do sábado de aleluia, em que os seringueiros do Alto Purus, segundo o que sustenta Cunha (1999, p. 52-53), “desforram-se de seus dias tristes” e vingam-se. Vingam-se de si mesmo e de suas escolhas ao vir para a região amazônica.

³³ Dados extraídos de *Fronteiras do Tempo: Revista de Estudos Amazônicos*, v. 1, nº 1 – Junho de 2011, p. 127-137.

Nos seus locais de origem, eles recordam que neste período de quadra fúnebre ou semana santa todas as atividades, todos os negócios são suspensos. Diferentemente, nos seringais da Amazônia, a existência ali é constantemente monótona, dolorosa, torturante e porque não no anonimato, porém, os seringueiros fazem suas preces ansiosas que vão até o céu com um travo de ressentimento contra a divindade. Mas não blasfemam e até se culpam por estarem naquelas paragens, se culpam por se sentirem ambiciosos. E como confirma Cunha,

[...], só lhe é lícito punir-se da ambição maldita que o conduziu àqueles lugares para entregá-lo, maniatado e escravo, aos traficantes impunes que o iludem – e este pecado é o seu próprio castigo, transmudando-lhe a vida numa interminável penitência. (CUNHA, 1992, p. 54).

Os seringueiros se achavam pecadores pela ambição por dias melhores, por abandonarem sua terra natal em busca de enriquecer, e é por isto que acontecia a maldição, que para eles é aquele trabalho exaustivo e solitário. Acabavam por acreditar que Deus os abandonara ou que seus grandes olhos não podem descer àqueles brejais, manchando-se. Fora eles próprios o Judas, e traíram a si mesmos. Criam como vingança um monstrengo de palha, com todas as características de um homem, como se fosse o Judas. Fazem-no detalhadamente com traços de um ser cansado, miserável, como se estivesse agonizando, devido aos esforços para sobreviver ali.

Vai então, criando um espantalho de olhos tristes e misteriosos. Acentuam na criatura os traços do rosto, queixo, boca e enfim, não percebe que cria Judas a sua imagem. Euclides da Cunha em seu livro nos apresenta como sempre se fez o Judas,

[...] um par de calças e uma camisa velha, grosseiramente cosidos, cheios de palhiças e mulambos; braços horizontais, abertos, e pernas em ângulo, sem juntas, sem relevos, sem dobras, apurando-se, espantadamente, empalado, no centro do terreiro. Por cima uma bola desgraciosa representando cabeça. É o manequim vulgar, que surge em toda parte e satisfaz à maioria das gentes. Não basta ao seringueiro. É-lhe apenas o bloco que vai tirar a estátua, que é a sua obra-prima, a criação espantosa do seu gênio rude longamente trabalhado de reveses, onde outros talvez distingam traços admiráveis de uma ironia subtilíssima, mas que é para ele apenas a expressão concreta de uma realidade dolorosa. (CUNHA, 1999, p. 54-55).

Como podemos perceber, o espantalho saiu semelhante ao que o homem é ali. Mal vestido, cansado, de olhos tristes, desengonçado, um ser desgraçado, mas que parece ter

forças para enfrentar os desafios daquela selva, daquele rio. E vai desafiando o clima, a floresta, os contrastes, os padrões com suas armas e armadilhas que os persegue com a sua infundável exploração; vai tentando vencer o trabalho nas estradas de seringa, a solidão enquanto trabalhador, porque raramente se encontram, embora haja outros ali na mesma situação, entregues ao acaso. Mas os encontra.

De acordo com as características dos seringueiros o Judas, segundo Cunha, também tem

[...] gestos ora muito rijos, [...] ora em desengonços, desequilibrando-se aos menores balanços, atrapalhadamente, como ébrios; [...] outros humildes, acurvados num acabrunhamento profundo; e por vezes, mais deploráveis, os que se divisam a ponta de uma corda amarrada no extremo do mastro esguio e recurvo, a balouçarem, enforcados [...] (CUNHA, 1999, p. 57).

Aí, estão características referentes ao espantinho que fora criado. Porém, numa análise mais profunda, pode-se perceber que estão subentendidas várias atitudes, sensações e/ou sentimentos relacionados às vivências cotidianas dos seringueiros. Transparece-nos, como se fossem estes homens rijos; desequilibrados pelo cansaço, miséria, fome e doenças; atrapalhados devido embriaguês, humilhados pelos que o dominavam, e até mesmo os que porventura tivessem cometido suicídios.

O desejo daqueles trabalhadores, além de enriquecer e obter melhores meios de vida para si e para os seus familiares era sair dos seringais. Mas somente poderiam se liquidassem a dívida que muito aumentava.

Poderiam se utilizar de meios para conseguirem sair daquele local tão distante de sua terra natal como, por exemplo, fugir dos seringais, procurarem emprego com outros seringalistas, mas como já foi dito, os seringalistas não aceitavam seringueiros que fugissem de outros seringais. Havia entre eles acordos que impediam dar emprego a seringueiros foragidos.

Haviam saídas. Uma seria a fuga, entretanto estes homens não conheciam a selva como os indígenas. Então cabia a eles não esmorecer e continuar, mesmo que insatisfeitos, a trabalhar. Isto não significou que se tornaram conformados com o que estava imposto. Não significava que não tomariam algumas atitudes como meio de se livrarem ou amenizarem suas dívidas como, por exemplo, consumir do barracão somente o básico, e passaram a caçar e pescar para suprir sua alimentação já tão deficiente, dentre outras atitudes. Também

começaram a cultivar roçados mesmo não sendo permitido pelo patrão, já que não poderiam desperdiçar tempo no serviço de extração do látex. E Cleusa Rancy (2008) nos informa a respeito desse momento, em que os seringueiros começaram a produzir alguns alimentos por volta de meados do século XX, o que segundo ela [Cleusa] trouxe bons resultados, porque fortaleceu nutritivamente a dieta daqueles trabalhadores. Entretanto, essa prática de cultivo não era permitida em todos os seringais. Assegura Rancy que “estes indícios de agricultura eram limitados a alguns seringais e que o cultivo generalizado, como auxílio à subsistência só se fez sentir após o declínio da borracha.” (2008, p. 242).

Neste contexto, de busca por fugas vamos tratar das festas porque nos seringais também era um local de sociabilidade, onde os seringueiros se reuniam em suas barracas e confraternizavam como, por exemplo, nos festejos aos Santos de devoção, como no caso já citado que ocorreu nos seringais do Rio Madeira, onde ali se divertiam e brincavam, também ocorriam brigas, como as vinganças contra os patrões. Havia as festas de natal, os casamentos, os batizados e isso era momento de confraternização e porque não uma fuga para aqueles que tão somente tinham ali a atividade de trabalho a ser exercida.³⁴ Contavam com esses mecanismos e consigo mesmo para sobreviver no local adverso do seu.

Mas ali naquele local distante do seu de origem o nordestino não poderia contar com mais ninguém, o que Mário Guedes nos confirma seguramente, “Portanto, ao homem só restava o próprio homem. Ele só tinha que contar consigo mesmo, e, desse feitio, transformar os seus braços em músculos de ferro, dando-lhe como que a rijeza do aço.” (sic). (GUEDES, 1920, p. 73). Ou seja, cabia ao homem naquele local buscar em si mesmo os recursos e transformações para seu bem viver, seu bem estar, garantir sua sobrevivência em meio à selva amazônica. Não podia de forma alguma pensar em desistir ou esmorecer.

³⁴ Cleusa Rancy tratou em seu livro *Raízes do Acre* (2008) apontamentos sobre os aspectos da vida do seringueiro, e assim contextualizou os encontros ou confraternizações que aconteciam e que foram em minha interpretação outros meios daqueles homens fugir da exploração do patrão, de esquecer o sofrimento cotidiano.

CAPÍTULO 3

COTIDIANO DE SERINGUEIROS NO PROCESSO DA “REVOLUÇÃO ACREANA”

Neste último capítulo problematiza-se através de alguns registros produzidos sobre a chamada “Revolução acreana” a participação de seringueiros no cotidiano do processo de disputa territorial pela região dos seringais do Vale do Purus-Acre. Objetivou-se inicialmente fazer um contraponto à História oficial, procurando identificar como nordestinos-seringueiros se comportaram diante de uma disputa que não diziam respeito as suas vidas concretas. Na leitura atenta das fontes procurei compreender o cotidiano de seringueiros no enfrentamento às tropas do exército boliviano.

Nessa perspectiva buscou-se nos conceitos como “Vida cotidiana de seringueiros”, “História oficial”, “Revolução acreana”, “construção dos heróis”, “disputa territorial”, “construção discursiva”, os elementos para desenvolver a presente reflexão.

Para iniciar a pesquisa pautou-se investigar as seguintes questões: Como a História oficial abordou a participação de seringueiros no processo da chamada “Revolução acreana”? Os seringueiros de então se identificaram com os interesses em jogo? Como foi o cotidiano de seringueiros no enfrentamento às tropas bolivianas?

3.1 A HISTÓRIA OFICIAL E A CONSTRUÇÃO DOS HERÓIS

Na historiografia oficial acreana há uma “exaltação” as ações dos que participaram da conhecida “revolução acreana”, das ações dos considerados “grandes homens”, como o comandante desta o coronel Plácido de Castro. Não que seu papel e estratégia não tenham importância na história do Acre. Tem sim, já que fora ele quem recrutou e dispensou treinamento ao exército acreano, como sustenta Leandro Tocantins (1979), porém, Plácido, como é exaltado na história oficial acreana, não fora o único a realizar esse processo histórico.

É necessário compreender que os combates não foram realizados por uma “minoria” de homens que detinham o poder, como os seringalistas, os letrados ou militares, mas pelos que não tinham sequer habilidades com armas, ou não tinham participado de qualquer outra “guerra”, como os seringueiros. O autor citado acima deixa claro em seu livro Formação

Histórica do Acre que o exército de Plácido de Castro fora constituído por seringueiros, e afirma que o pessoal deste exército “era de recrutas roubados aos serviços de seringa, um só não entendia de coisas militares, muito menos de guerra”.³⁵

Ora, os seringueiros geralmente têm sua participação pouco evidenciada na historiografia acreana. Ficaram no anonimato, esquecidos, ou como meros coadjuvantes no processo fundamental de anexação. Ficaram no “esquecimento oficial”, porque a história oficial enfatiza as atitudes dos considerados “grandes homens” e “seus feitos”. Já os seringueiros quando lembrados são genericamente citados em algumas obras que abordam a nossa história. São ressaltados os atos dos chefes dos movimentos, dos coronéis seringalistas, dos que são considerados pessoas de crédito³⁶. Dos que negociavam e organizavam a luta armada.

Silvério Néri, governador do Amazonas, mesmo após a desastrosa interferência dos poetas³⁷ no Acre leu uma mensagem perante o Congresso do Estado, no dia 15 de janeiro de 1901, onde exaltou a atitude daqueles homens. Ele afirma em sua homenagem, se referindo a Expedição dos Poetas, que era composta por mais de cem combatentes, na maioria, doutores, jornalistas, gente fina³⁸, e que “este proceder dos insurretos traduz um belo movimento de patriotismo” (TOCANTINS, 1979, p. 75). A afirmação apresentada por este autor fez com que fosse levantado por mim o questionamento sobre o porquê do patriotismo. Estes poetas eram do Amazonas e assim qual o verdadeiro interesse deles em defender esta região? Na verdade, o mesmo autor nos apresenta respostas à indagação levantada, pois, o Cônsul Carneiro de Mendonça ouviu de Joaquim Domingues Carneiro que era vice-cônsul, revelações sobre seus companheiros de insurreição, e Joaquim Vitor confirmou os fatos de que:

A pantomima dos poetas “outra coisa não era senão uma grande ladroeira muito bem planejada; toda a borracha que depois de preparada vem para o terreiro dos barracões seria embarcada diretamente para o Pará, onde se faria a distribuição dos resultados. A Carvalho [Rodrigo] caberia a soma de 500:000\$000, e mais o seringal denominado Amélia; a Gentil Norberto igual soma, e assim por diante as

³⁵ TOCANTINS, Leandro. **Formação histórica do Acre**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Brasília: INL/Conselho Federal de Cultura; Rio Branco: Governo do Estado do Acre. v 2, 1979. p. 116.

³⁶ Idem, p. 96.

³⁷ Expedição Floriano Peixoto: composta por doutores, médicos, jornalistas, advogados, dentre outros.

³⁸ RIBEIRO, Napoleão. **O Acre e seus heróis**: contribuição para a história do Brasil. Brasília: Senado Federal, 2008, p. 87.

partes de todas as pessoas que tinham entrado na combinação.” (TOCANTINS, 1979, p. 81).

Portanto, ao analisar a citação acima compreendemos que o patriotismo destes heróis, os poetas, tinha algo mais que boa vontade na defesa da região acreana contra os bolivianos. Tinham desejos de ganhar dinheiro para realizar viagens, enriquecer o mais depressa possível, conseguir cargos. Ou seja, acusações ocorriam entre os participantes da expedição, dentre as quais há um depoimento de Trajano Chacon que dizia a todos o seu desejo, como “eu não vim guerrear, vim arranjar-me para dar um passeio à Itália”. Em suma, o que se percebe é que estes considerados heróis, que participaram dos movimentos para anexar a região em questão ao território nacional não passavam de aventureiros com intenção de enriquecimento rápido.

Ainda havia as acusações que os poetas heróis faziam entre si e através da imprensa eles teciam adjetivos onde se caracterizavam por suas possíveis “qualidades”, como:

Gentil Norberto era acusado de “ambicioso, desleal e criancola”. Rodrigo de Carvalho, de “não dispor de nenhum prestígio entre os acreanos”. Sousa Braga, pintavam-no como “seringueiro bronco, sem iniciativa e se altivez”. Hipólito Moreira e Alexandrino José da Silva, “poços de vaidade e ambição, destituídos de inteligência”. Dizem que Joaquim Vitor, “homem calado e manhoso”, confabulara com Gentil Norberto para apreender as mercadorias do *Lábrea*, cuja metade exigiu, pouco antes do assalto a Puerto Alonso. Pedro Braga submetia-se “vergonhosamente aos interesses dos bolivianos”. Domingos Carneiro, “hipócrito, desleal e ignorante”. (TOCANTINS, 1979, p. 87).

Dessa forma, a partir das características que uns atribuía aos outros, percebemos que os que vieram ajudar a libertar a região do domínio boliviano eram hipoteticamente, homens aproveitadores, ambiciosos, sem lealdades. Ou seja, com seus egos feridos se ofendiam entre si vaidosamente.

No período mencionado não houve transformações, como percebemos. Os homens lutaram e perderam suas vidas, defenderam interesses de uma classe [seringalistas e comerciantes] que objetivava tão somente o lucro e continuidade através da exploração do trabalho humano na extração da seringa. Era interessante aos seringalistas que apoiaram a “revolução”, obrigando ou “autorizando” os trabalhadores a defender o espaço, continuar o mesmo processo de enriquecimento rápido. Eles buscavam manter nos seringais as mesmas condições que eram favoráveis a eles próprios, como por exemplo, através da atividade de

extração do látex manter negócios lucrativos com as casas aviadoras em Manaus e Belém, e desses acordos.

Sobre a construção do herói mencionado – Plácido de Castro – sabemos que este era militar e fora contratado como agrimensor para vir a esta região, mas, afirma-nos o Álbum Revolução Acreana que “Embora ele tenha todo esse peso de herói que a historiografia acreana sempre lhe concedeu, Plácido de Castro era um homem ambicioso e viera para a região fazer sua vida.”³⁹

Neste sentido ao analisar a citação acima percebemos que o “herói” não viera à região para tão somente “libertá-la” da posse dos bolivianos, mas que associado ao governo do Amazonas, o coronel Silvério Néri e em acordo com seringalistas, que defendendo seus interesses econômicos desejavam manter o domínio de exploração tanto do espaço quanto dos homens que aos patrões estavam subordinados. O herói era ambicioso e buscava conseguir fortuna, ou seja, desejava aqui fazer a vida, e isto é afirmado no Álbum Revolução Acreana (Cap. III, p. 3), que, “Mesmo depois de sua morte, seu irmão, Genesco de Castro, voltou ao Acre para resgatar sua herança uma vez que era proprietário de vários seringais”. Ou seja, o herói, constituiu riquezas com a questão acreana. Tocantins (1979) confirma o que está dito no Álbum citado, onde nos informa que quando Plácido fora convidado por um amigo para trabalhar nas Docas de Santos aceita, e “... vai a São Paulo já com resolução amadurecida no espírito: a de seguir, logo que possa, para o Amazonas, de onde todo mundo fala em termos de fortuna. E fez, adquiriu seringais na região acreana.

De acordo com a história oficial, ao libertador do Acre, lhe é tecido as mais diversas qualidades ao afirmar que:

O certo é que esse moço de 29 anos, possuidor de uma fé de ofício marcada pelas refregas no campo de batalha, **comedido** nas maneiras, **sóbrio** nas palavras, um tanto avesso às fáceis intimidades, com aquele ar **enigmático** do gaúcho de fronteira, era **o homem talhado** para chefiar a revolução acreana. (TOCANTINS, 1979, p. 92). [grifo meu].

Mas, vale ressaltar que o herói então exaltado também tivera seus momentos de mostrar atitudes nada agradáveis para com seus companheiros de revolução. Ao exigir disciplina, Plácido de Castro demonstrou não ser assim tão prudente nas suas maneiras como

³⁹ Álbum Memória e Imagens revolução Acreana. 1996-1997, Cap. IV, p. 3.

afirma Tocantins e tampouco sóbrio nas palavras, já que ameaçava de fuzilamento todos àqueles que por ventura viessem descumprir os deveres e compromissos assumidos. E ao ser solicitado para comandar ou chefiar o movimento, a ele seria dado todos os poderes civis e militares. E estas exigências são observadas, de acordo com a obra do autor citado como uma identificação de sua formação e o seu caráter de homem disciplinado⁴⁰. Ou seja, ao ser exigente e ameaçador em relação aos seus poderes ele foi aclamado como herói, como o “libertador” do Acre. E não é somente Leandro Tocantins que faz uma narrativa positivista, em que se narra a história dos “grandes homens”.

Outra fonte pesquisada na busca de registro sobre a participação de seringueiros na chamada “Revolução acreana”, foi O “Álbum do Rio Acre (1906 - 1907)” produzido por Emílio Falcão, um dentista que esteve na região acreana no período citado. Cabe-nos analisar primeiramente sua atitude de dedicar o seu trabalho ao Barão do Rio Branco, o que mostrou mais um a ser enaltecido como herói da campanha acreana nas obras que representam a História acreana, enquanto história oficial, já que aos que deram vidas e derramaram sangue neste movimento para anexação da região acreana ao território brasileiro, que são os seringueiros não se vê muitas narrativas em que estes são homenageados, quando são apresentados o são de forma genérica.

Outro ponto interessante na obra de Emílio Falcão (1906-1907, p. 20) é que ao descrever Barão do Rio Branco por seu talento diplomático ao incorporar esta região ao território nacional ele fala dos emigrantes assim, “De facto, o possuíamos desde 1877, quando **alguns emigrantes cearenses** fincaram a primeira estaca na terra inculta e deserta, e armaram as primeiras barracas á sombra impenetrável da floresta virgem, adormecida [...]”. (sic) [grifo meu]. Observando o que a citação apresenta fica explícito o desprezo pela contribuição dos emigrantes na construção desta sociedade, nos movimentos que ocorreram para a resolução da situação à época, ou seja, os cearenses são apresentados como meros sujeitos na obra analisada.

No entanto, Falcão (1906-1907) se diz sentido por não ter reproduzido na obra as fotografias dos que sacrificaram a vida ao desbravar este pedaço de pátria. Mas o que se percebe é que ele reproduziu muitas fotografias e citou nomes e patentes de todos aqueles que, de certa maneira, ele [Falcão] reconhece como valentes e heróicos revolucionários. São eles:

⁴⁰ TOCANTINS, Leandro. Formação histórica do Acre. 1979. p. 92.

Majores Salinas Viegas, Daniel José da Silva, Coronel Honorio Alves das Neves, proprietário do seringal *Itú*, Coronel José Galdino de Assis Marinho, Doutores Madeira e Magalhães, que relevantes serviços prestaram durante o período revolucionário, e do Capitão Libano Macedo, a quem deve o auctor d'este livro, grande somma de apontamentos uteis para a sua collaboração. (sic). (FALCÃO, 1906-1907, p. 21).

Como podemos perceber as pessoas que como o próprio autor retrata em sua obra, como os que destruíram obstáculos, onde o local além de desconhecido era perigoso sequer citou seus nomes, estarão colocados no anonimato. Ou seja, foram lembrados os homens em que exerceram funções de major, coronel, capitão e doutores, porém ao restante coube-lhes a página do esquecimento. Como sujeitos invisíveis na história do Acre.

Ainda sobre o Álbum Rio Acre o autor ao narrar sobre a “revolução acreana” faz apontamentos sobre a organização do primeiro movimento, em que outra vez honra os que prestaram, segundo o autor

[...] relevantísimos serviços o literato cearense José Carvalho, Coroneis Antonio de Souza Braga, Joaquim Domingues Carneiro, Gentil Norberto, Rodrigo de Carvalho e Gastão de Oliveira, estes tres ultimos, membros de uma junta governativa, aclamados pelos acreanos. (sic). (FALCÃO, 1906-1907, p. 25).

Vale ressaltar que entre estes citados acima, o senhor Gentil Norberto que era engenheiro, quis ser o comandante da revolução acreana quando Plácido de Castro fora “escolhido” para libertar o Acre. Discordava das deliberações dos acreanos, se dizia dono do armamento que havia sido disponibilizado para o momento.⁴¹ Ou seja, entre os honrados e considerados heróis havia intrigas para chefiar a revolução. Mas, interessante é que nos livros há sempre um discurso onde se afirma que eram decisões de acreanos, que estes aclamavam determinados grupos, que desejavam solucionar as situações, porém vale questionar quem eram estes “interessados” acreanos? Falcão em seu álbum afirma que em Xapuri todos os habitantes delegaram poderes amplos ao inteligente e heróico Coronel Plácido de Castro. Mas, quem eram estes habitantes? O autor fala também do sentimento patriótico dos seringueiros, que mesmo sendo ignorantes no serviço militar, passaram a ser como veteranos, que eram disciplinados e obedientes. Mas cabe aqui lembrar, segundo Tocantins (1979, p. 106), que nem mesmo o chefe Plácido de Castro estava otimista e entusiasmado para o

⁴¹ TOCANTINS, Leandro. Formação histórica do Acre. 1979, p 104.

momento e que “torcendo propositadamente a verdade para os homens que iam formar a sua primeira milícia. Era preciso infundir ânimo e coragem naquelas criaturas indecisas e temerosas”. Analisando o que fora discursado sobre o herói podemos perceber que como todo humano ele era e estava passível a cometer erros, ser ambicioso, ameaçador e ainda mentir para conseguir executar seus planos.

Não poderia deixar aqui de explicitar uma homenagem que Falcão faz aos cearenses, cuja frase é a seguinte “A esses incansáveis trabalhadores a quem o Acre deve tudo” (1906 - 1907, p. 31). Realmente, uma página praticamente em branco, onde não se faz as mesmas honras feitas aos outros sujeitos considerados importantes à história oficial. Nada é dito sobre os sujeitos que defenderam interesses que não eram seus. Não são narradas suas ações enquanto agentes produtores de nossa história, eles ficaram na invisibilidade enquanto sujeitos sociais.

A página 33 do álbum do autor analisado nos apresenta homenagem ao Coronel Plácido de Castro e Coronel Gentil Norberto, em que na imagem podemos verificar a presença de um indígena vestido, como se “civilizado”, ao lado de Plácido a bandeira nacional e ao lado de Gentil a bandeira acreana. Ambos são considerados os heróicos defensores do território acreano. Interessante é que por traz da figura indígena reluz o sol, como se a partir de então ele estivesse passado a iluminar estas paragens e que antes destes heróis todos aqueles que estavam aqui vivessem em extrema “escuridão” ou sem civilização. E nas páginas seguintes 34 e 35, as honras são dadas aos “Exploradores do rio Acre”, como assim é identificado na página, ou seja, aos principais interessados na questão acreana, que eram os comerciantes e seringalistas. Também foram lembrados no álbum os primeiros seis prefeitos do território do Acre cujos nomes são: Coronel Cunha Mattos, primeiro Prefeito da Prefeitura do Alto Acre; Dr. Acaña Ribeiro, segundo Prefeito da Prefeitura do Alto Acre; Capitão Odilon Pratygy, comandante das forças federais no Acre; General Luiz de Medeiros, comandante do primeiro distrito militar e Delegado do Governo junto à Prefeitura do Acre; Coronel Thaumaturgo de Azevedo, primeiro Prefeito da Prefeitura do Juruá e General Siqueira de Menezes, primeiro Prefeito da Prefeitura do Alto Purus. Vejamos, coube ao autor Falcão lembrar e homenagear homens da elite, que detinham poderes na região, os que eram exploradores, doutores, coronéis, dentre outras patentes. E quando surgiu a imagem indígena, esta já está diferenciada, este sujeito apresenta-se com vestimentas, como se estivesse de acordo com os “libertadores” do Acre.

Até mesmo os francos atiradores e auxiliares da revolução acreana foram fotografados para constar no álbum e também estar na memória dos acreanos. Porém, todos eram coronéis, tenentes, major, capitães, médicos, farmacêuticos, que segundo Emílio em sua obra, todos prestaram relevantes serviços durante o período da revolução. Já aos seringueiros rudes e ignorantes como eram classificados coube uma página quase que em branco, sem seus nomes, fotografias, posições no momento revolucionário. É a história dos “grandes homens” que está representada no álbum, uma história positivista. As experiências vividas e sofridas pela maioria – seringueiros – como percebemos não é ou não fora salientada.

Em suma, a historiografia oficial acreana ainda está marcada por visões positivistas, em que se narra os “feitos” dos considerados “grandes homens” excluindo, de certa forma, aqueles que com suas lutas diárias, vidas, vivências, experiências e histórias consideradas como simples, são simplesmente colocados no “esquecimento oficial.”

Não busco aqui dar voz aos excluídos da história, aos que ainda estão no esquecimento que a História dos heróis busca apagar ou esconder em detrimento de algum interesse, até porque esta precisa ser democrática, onde todos os homens e suas ações por mais simples que seja mereça reconhecimento, onde suas vozes e lutas por sobrevivência e dias melhores sejam fortalecidos.

3.2 A REVOLUÇÃO QUE SERINGUEIROS NÃO SE INTERESSARAM

Os seringueiros que estavam na região acreana ocupando e trabalhando para sobreviverem e desejosos de um dia voltar ao seu local de origem não estavam dispostos a participar de uma “revolução” que não correspondia aos seus interesses pessoais. No entanto, foram obrigados a participar do enfrentamento aos bolivianos. Obrigados porque o Coronel Plácido de Castro em comum acordo com os seringalistas - principais interessados nessa “revolução” - exigia fornecimentos de homens, armas e mantimentos para consolidar o exército acreano. Porém, aos homens que foram forçados a deixar suas atividades de extração de látex, lhes era imposto que fossem disciplinados ou caso fugissem as determinações do comandante seriam sumariamente fuzilados. E quem temeroso em perder a vida se negaria a se juntar ao exército ou descumprir as ordens do chefe?

Dessa forma, podemos perceber que, a partir do que afirma a pesquisadora professora Dr^a. Maria José Bezerra, coordenadora do projeto *Álbum Memória e Imagens*

Revolução Acreana (1996, Cap. III, p.1) os seringais da região acreana foram importantes espaços de trabalho e de luta armada, porque, enquanto espaço de trabalho funcionou como meio de produção econômica extrativa. Já enquanto de luta armada, sua importância esteve ligada ao domínio do solo, o que desencadeou numa intriga internacional devido aos interesses deste mercado em adquirir riquezas, pois, o látex extraído da seringueira era encontrado em maior quantidade e melhor qualidade em terras acreanas, onde a maior produtividade de borracha, segundo Calixto (1985, p. 129) estava nas regiões de Feijó, Tarauacá, Cruzeiro do Sul e Mâncio Lima.

A intriga se deu devido o interesse do mercado internacional pela região amazônica já vir desde a conquista e ocupação das terras brasileira pelos portugueses, onde, segundo o Álbum citado na página anterior afirmar que “[...] A Amazônia [...] sempre foi alvo da cobiça internacional pelas riquezas potenciais, nestas destacando-se, naquela época, ‘as drogas do sertão’” (Cap. II, p. 3), e o espaço, hoje denominado Acre era considerado pelos bolivianos como “terras não descobertas” porque eles não haviam ainda ocupado estas terras. Porém, os brasileiros vindos da região nordestina em sua grande maioria de cearenses devido à seca que os maltratavam, em especial os despossuídos de poder econômico, passaram a avançar fronteiras desconhecidas ou não delimitadas sem saber, como assegura o autor Leandro Tocantins em seu livro *Formação Histórica do Acre*, onde este sustenta que:

Os brasileiros, sem saber que transpunham fronteiras entre seu país e a Bolívia iniciavam processo rudimentar de civilização. Nenhum boliviano aventurava-se, até então, a chegar por lá. Nem mesmo a Bolívia tinha ciência de que o território lhe pertencia. Tudo indefinido, porque os limites não estavam fixados. (TOCANTINS, 1979, p. 34).

O que observamos é que, os que ali estavam para trabalhar em busca de sobrevivência não tinham como prioridade a preocupação com questões fronteiriças. Estavam em meio à selva exercendo a atividade de extração e onde houvesse possibilidades de encontrar árvores de seringueiras ali estariam eles dispostos a avançar. Porém, o boliviano chamado Benjamin Azcui que participou da revolução ao lado dos bolivianos, faz contrapontos quanto ao reconhecimento de pertencimento deste espaço e este fala em seu livro “Resumen Histórico de las campañas del Acre (1899-1903)”, sobre as ocupações por parte de brasileiros:

“Até 1874, os raios de civilização não tinham penetrado por estas solidões misteriosas, os primeiros ocupantes que ousaram rasgar o véu do desconhecido, eram criminosos que escaparam de prisões em Manaus e Belém, e cearenses famintos que regularmente assediado para fugir das ruínas e terras secas buscavam o sustento que negaram a natureza áspera. Estes, como os primeiros colonos do Beni e Madre de Dios, formaram suas moradas em luta aberta com as selvagens tribos que derrotadas, viram-se forçadas a refugiarem-se no sopé dos Andes. [tradução minha], (AZCUI, 1925, p.39).⁴²

Dado o exposto na citação da página anterior, percebemos que, de acordo com o que afirma Benjamin Azcui o local era ocupado por tribos selvagens, e que até 1874 as terras desconhecidas ou misteriosas não haviam sido penetradas por “civilização” ou por povos civilizados, e que foi a partir de então que as primeiras ocupações por parte de brasileiros ocorreram e, esta ocupação iniciou por criminosos escapados das cadeias de Manaus e Belém e por famintos cearenses sofridos que fugiam das secas daquela região. E estes brasileiros passaram a expulsar os povos que já habitavam o local. Então, os considerados “selvagens” foram expulsos à medida que os outros “civilizados” avançavam em busca de sobrevivência.

Em suma, Azcui (1925) afirma que a região pertencia aos bolivianos, mas que estes ainda não haviam ocupado, e consta em seu livro que, é o “território indiscutivelmente⁴³ boliviano” [tradução minha]. (p. 11).

Da mesma forma, também nos afirma Leandro Tocantins (1979) quando apresenta em sua obra o momento em que Rodrigo de Carvalho procura o Presidente Campos Sales pedindo intervenção federal no caso do Acre e o então Presidente diz que,

[...] de modo algum permitiria qualquer ameaça à integridade física dos brasileiros. Era de seu comecinho dever zelar pela segurança e o direito dos nacionais, mesmo em território estrangeiro, uma vez que o Acre pertencia à Bolívia, por força de tratado internacional. (TOCANTINS, 1979, p. 75).

Como podemos analisar, a região acreana pertencia de fato à Bolívia por meios de tratados. Então, os bolivianos percebendo que estavam perdendo tanto terras quanto dinheiro

⁴² “Hasta 1874, los rayos de la civilización no habían penetrado por esas misteriosas soledades; los primeros ocupantes que se atrevieron a rasgar el velo de lo desconocido, fueron criminales escapados de las cárceles de Manaos y Belem, y hambrientos cearenses que hostigados por las periódicas sequías huían del terruño en pos del sustento que les negaba la inclemente naturaleza. Estos, al igual que los primeros pobladores del Beni y Madre de Dios, formaron sus moradas en lucha abierta com las tribus salbajes, que derrotadas, viéronse obligadas a refugiarse em los contrafuertes andinos”.

⁴³ Indiscutiblemente.

passou a defender seu território. Já os seringalistas nos seringais e os comerciantes nas Províncias temiam perder o poderio econômico conquistado.

Foi a partir das ocupações por brasileiros em terras bolivianas que começou a ocorrer os conflitos por interesses territoriais e principalmente econômicos, devido à importância dada a seringueira, da qual a extração de látex produziria borracha e assim sustentava o mercado internacional, gerando lucro aos exploradores que se aventuraram e faziam fortunas.

No entanto, como os objetivos dos que aqui trabalhavam na extração não eram os mesmos que o do mercado internacional e dos seringalistas, já que os seringueiros estavam neste local com o intuito de trabalhar, liquidar suas dívidas junto a barracão e se possível retornar a sua terra natal com saldo suficiente para manter suas famílias, eles não estavam em busca ou não tinham interesses em defender uma questão ou um espaço que não era seu, pois, eles não vieram para este território para morar. Muitos vieram para ficar temporariamente, como consta no Álbum (Cap. III, p. 3), “objetivo de não permanecer por muito tempo na floresta [...], apenas o tempo suficiente [...], de ganhar uma quantia considerável de dinheiro para depois regressar aos locais de origens, e aí sim, poderem tocar a vida”.

Então a questão dos conflitos era outra. A intriga se deu por questões de território, ou seja, por questões econômicas devido à região acreana ser rica em árvores de seringueira e por causa do lucro que dela se poderia extrair. Ou seja, o interesse do capital internacional e também nacional estava presente neste processo.

Árvores de seringueira em grande quantidade e com abundância em leite [látex] estavam nesta região. Para que os seringais funcionassem fora preciso contratar mão de obra, e esta era composta por homens que vieram em busca de aventuras, riquezas, sobrevivência, mas não permanência, no primeiro momento. Houve dessa forma um processo de divisão do trabalho social onde foi necessário haver organização para que ocorresse produção em grande escala, e para o bom funcionamento dos seringais os elementos essenciais foram, segundo Maria José:

[...] o seringalista, proprietário dos meios de produção; o seringueiro que é o trabalhador; e os comerciantes que eram exatamente aqueles que viabilizavam o transporte dessa produção extrativista, principalmente de borracha, para Belém e Manaus, e de lá para o mercado internacional, tanto à Europa quanto aos Estados Unidos. (Álbum Memória e Imagens Revolução Acreana, 1996-1997, Cap. III, p. 1).

Os proprietários dos meios de produção que visando o lucro comercial com a extração e fornecimento de borracha ao mercado internacional, buscavam não perder a sustentabilidade que haviam conquistado com este processo de trabalho. Então, bastando para isso se aliarem aos comerciantes e ao ambicioso agrimensor e militar, criar um sentimento nos seringueiros de que deveriam defender as terras que estavam trabalhando e tirando desta o sustento.

Como já fora explicitado anteriormente, os nordestinos vieram para esta região em busca de sobrevivência e não para defender um território do qual não tinha intenção de permanecer por longos anos, pelo contrário, suas intenções, pelo menos da maioria, era a de alcançando seus objetivos voltar logo à sua terra natal. A não ser, caso conseguissem se tornar proprietários de terra e cultivar o alimento, como afirmou Samuel Benchimol (1992, p. 41), eles veriam algo de seu no local e assim, permaneceriam fincados na terra.

Dessa forma, tiveram que participar de uma “guerra” da qual os principais objetivos eram defendidos por seringalistas, que detinham o poder de mando e não pelos seringueiros que foram compelidos a combater e perder a vida em defesa de um “patriotismo” alheio, já que foi utilizado este termo como símbolo do objetivo das lutas em questão. Mas que na verdade, os seringalistas estavam conscientes do que na realidade significava esta “revolução”. Era ela um meio de garantir a continuidade da exploração, produção e comercialização da borracha.

Os seringueiros, como nos mostra Calixto (1985, p. 108) eram “geralmente analfabetos, rudes, esmagados pela dívida no barracão, aterrorizados pela violência do aviamento, preocupados em garantir sobrevivência na selva”. Isto demonstra que eles não estavam preocupados em defender uma pátria ou nação da qual faziam parte e que em nada esta contribuía para que continuassem em suas terras [no Nordeste], vivendo, trabalhando, e mantendo seus familiares com o sustento e outras necessidades básicas. Ou seja, podemos entender que era justamente esta terra [o Brasil] que os abandonara e os desamparara. Até porque as preocupações dos seringalistas eram manter o sistema imposto por eles e pelos comerciantes, e assim continuar a exploração do látex.

Pude observar através do que afirma Leandro Tocantins (1979) que a questão acreana ou os conflitos que ocorreram na chamada “revolução acreana” foi da “minoría”, constituída por seringalistas e comerciantes, ocorre que os que realmente defenderam obrigatoriamente foram os que não usufruíram ou não ganharam nada com a vitória contra os bolivianos. Onde seringueiros e bolivianos defenderam e perderam suas vidas por territórios,

objetivos alheios e poder político, interessantes aos que dominavam a região naquele momento.

A sociedade acreana fora constituída a partir das migrações de nordestinos, a grande maioria proveniente do Ceará, que vieram em busca de sobrevivência nesta região⁴⁴.

Os seringais acreanos foram espaço de luta, já que eram nestes locais que havia reuniões para organizar e discutir o movimento armado⁴⁵. Porém, no processo que ocorrera para anexar esta região ao território nacional, a historiografia oficial nos apresenta como “herói” o então Coronel Plácido de Castro, esquecendo-se que a “Revolução acreana” teve a participação de uma multiplicidade de sujeitos. Sujeitos estes que foram deixados no anonimato, no “esquecimento oficial”, e mesmo não estando eles no comando, exerceram suas ações no combate e viabilizaram a anexação ao território brasileiro.

Os seringalistas que se aventuraram para explorar e enriquecer não desejava de forma alguma perder este meio de adquirir fortuna “facilmente”, digo isto por ter sido maior às dificuldades dos seringueiros que estavam nos seringais desprovidos de conforto, alimentação adequada, medicamentos, liberdade, já que não poderiam voltar à sua terra antes de liquidar suas dívidas, dentre outras complicações. Portanto, a preocupação central desta revolução não estava relacionada ao patriotismo ou à defesa da nação. O interesse era não perder o controle de dominação e exploração dos seringais da região. Por isso, os seringalistas aceitaram exigências e condições impostas pelo coronel Plácido para exercer o comando. Exigências estas que estavam relacionadas ao fornecimento de mantimentos, homens, armas, dentre outros, mas, que também ele (Plácido) seria o chefe e não aceitaria interferências, e os que por ventura faltassem aos compromissos e não fossem disciplinados pagariam com a vida, seriam fuzilados. Segundo o que consta no livro do autor Leandro Tocantins “Plácido de Castro detinha todos os poderes enquanto chefe da revolução, então exigia **disciplina**, quem faltasse aos deveres seria sumariamente **fuzilado**”. (1998, p. 42). [grifo meu].

Sendo então Comandante em chefe do exército acreano tinha plenos poderes, e assim não poderiam contestar suas decisões. Ou seja, estava Plácido munido de todos os poderes de decisão, de como agir, contra quem, e com quem agir na luta armada. Desta forma, todas as suas exigências foram atendidas, porque os seringalistas ao aceitarem as suas condições tinham assegurados os interesses de continuidade do sistema imposto há muito tempo por

⁴⁴ Álbum Memória e Imagens Revolução Acreana. 1996-1997, Cap. I, p. 3.

⁴⁵ Idem, Cap. III, p.1.

eles. Eram os seringalistas e comerciantes aliados de Plácido de Castro em defesa de seus interesses. Ambos os aliados desejavam constituir fortunas, não se preocupando com as diversas vidas que seriam sacrificadas naquela batalha, nem tampouco com a “defesa” de uma nação que não via àqueles brasileiros como parte integrante desta nação.

Na revolução que ocorreu para anexar esta região ao território brasileiro os que realmente lutaram durante o combate foram os seringueiros, que devendo obediência, porque eram subordinados aos seringalistas, foram obrigados a participar e defender o local, até porque todas as suas atitudes precisavam de autorização dos seringalistas. Os extratores estavam neste ambiente para trabalhar, não era a sua terra natal ou o seu local de origem. Era uma questão que não lhes interessava. Não tinham ânimo para participar deste movimento como sustenta Tocantins:

Indo ao Acre, o novo comandante procura dialogar com os **proprietários** de seringais. Precisava de homens, armas e mantimentos. Sondagem cautelosa, para conhecer o **ânimo** e **lealdade dos que iam** participar do movimento. (TOCANTINS, 1979, p. 43). [grifo meu],

Então, cabe levantar questionamentos para compreender por que eles arriscariam suas vidas em defesa desta nação, se não tinham se quer vontade para participar deste movimento? Quisera eles demonstrar bravura, coragem, amor? Não. Porque seus interesses eram outros. Vieram trabalhar e buscar meios para melhorar a vida, depois retornar para junto dos seus na região nordestina. O que podemos observar é que o diálogo partia do comandante para com os proprietários de seringais, e eram estes que forneceriam armas, mantimentos e homens. Homens estes que não foram consultados em reuniões como nos apresenta Tocantins. Em suma, percebemos que a partir do que afirma o autor, na citação acima os interesses defendidos eram os dos patrões e o então Coronel Plácido de Castro. Porém, fora sustentado na historiografia acreana um sentimento de patriotismo, nacionalismo e até mesmo de heroísmo. No entanto, os que ficaram conhecidos como heróis foram somente os “oficiais” da revolução, já os soldados-seringueiros, que sequer tinham habilidades militares e eram a maioria ficaram no anonimato ou no “esquecimento oficial”. Ou seja, não fora dada a eles as mesmas honras ou o reconhecimento dispensado aos oficiais da chamada “revolução acreana”. Isso nos mostra que há de certa forma, ainda uma exaltação aos considerados grandes homens. A história positivista está em evidência em algumas obras na historiografia acreana.

A batalha como percebemos, ocorreu devido aos interesses dos seringalistas não desejar perder a lucratividade da qual estavam acostumados e não desejariam ficar sem o que já haviam conquistado na região, as suas propriedades que geravam lucro. Exerciam contra o seringueiro e contra o espaço o poder de domínio.

3.3 O COTIDIANO DE SERINGUEIROS NO ENFRENTAMENTO AOS HERMANOS

No período revolucionário os homens que estiveram realmente na frente do combate sofreram consequências traumáticas⁴⁶. Foram sofrimentos diversos porque já estavam na região sob os mandos e desmandos dos patrões, do trabalho exaustivo, da distância familiar e da terra natal, e ainda o fato de serem obrigados a participar do combate. Forçados, porque Plácido impunha aos seringalistas, segundo o *Álbum Memória e Imagens Revolução Acreana* que se houvesse um esforço de guerra e este esforço significava “obrigar” os seringueiros a combater contra os bolivianos. A guerra fora sangrenta. Houve casos em que “soldados seringueiros permanecerem dias e dias sob torrencial chuva em trincheiras, com cadáveres de companheiros putrefados, impedidos de sepultá-los pelo cerrado fogo boliviano.” (1996 - 1997, Cap. IV, p. 7).

O temor que estes homens sentiram em meio à guerra é perceptível quando analisada a citação acima, porque suas vidas estavam em jogo em defesa de “interesses” alheios, tiveram que conviver com situações traumatizantes e humilhantes, onde lhes fora negado, devido aos tiroteios, realizar até mesmo de pronto o sepultamento de seus companheiros dignamente, e ainda ter que ficar sob forte chuva, sem poder supostamente obter alimentação adequada, higiene e medicamentos.

Leandro Tocantins nos aponta em sua obra “Formação histórica do Acre” que as condições na região não eram das melhores nem para os bolivianos nem tampouco, supostamente para os brasileiros, porque as doenças causavam mortes. Consta no livro que “Os elementos civis e a tropa sofriam, porém, os efeitos devastadores das doenças endêmicas. O poder militar desfalcava-se com os internamentos nas enfermarias e com as baixas por motivo de morte.” (TOCANTINS, 1979, p. 73). O local do qual o autor se refere é Puerto

⁴⁶ *Álbum Memória e Imagens Revolução Acreana*. 1996-1997. Cap. IV. p. 7.

Alonso, hoje Porto Acre, onde Benjamin Azcui citado por Tocantins afirma que o Acre tem suas praias enfermas ou doentes.

No ano de 1902 ocorreu uma vazante⁴⁷ na região acreana da qual surpreendeu àqueles moradores, principalmente por causa das doenças como impaludismo e o beribéri, esta última é uma debilidade nervosa, que poderia matar em menos de vinte quatro horas, e é salientado por Leandro que “todo o Acre achava-se em estado de calamidade; os antigos não se lembram de tantas febres e inchações”. (TOCANTINS, 1979, p. 79). Ou seja, não eram somente os conflitos que maltratavam àqueles homens, as doenças estavam ali como “aliadas” no combate pelo espaço acreano.

As situações que já eram ruins na vida dos seringueiros ficaram ainda piores com os conflitos ocorrendo no momento revolucionário. Participar de uma luta, estando compelidos a defender interesses e ambições que não eram as suas e sim dos seringalistas e comerciantes, a questão acreana não correspondiam as suas vidas concretas, as suas necessidades prioritárias, arriscar suas vidas não era o que o nordestino viera ou desejava nesta região. O que os seringueiros buscavam neste espaço era a sobrevivência e não entregar suas vidas em disputas que não lhes dizia respeito. Combater “inimigos” que não conheciam, e estes inimigos bolivianos nem se quer conheciam a natureza nem o meio social por quais estavam buscando conquistar, isso era então outro problema aos soldados da Bolívia. Vejamos, “Os bolivianos confessavam, assim, seu completo desconhecimento sobre a natureza e o meio social daquelas circunscrições, que de maneira vaga inscreviam nos mapas como *Território de Colônias*.” (TOCANTINS, 1979, p. 85). Ou seja, o que eles conheciam era através dos mapas, já aos soldados brasileiros, estes eram inabilitados para usar armas, não eram experientes, como afirma Emílio Falcão “– seringueiros ignorantes do serviço militar...”. (FALCÃO, 1906-1907, p. 25). No entanto, a estes “ignorantes” a selva era bem conhecida por eles, e isso seria bom nos confrontos com os hermanos.

O cotidiano dos seringueiros neste processo de anexação da região acreana ao território brasileiro fora completamente transformado. Homens que pouco se viam ou tinham contatos, a partir de então tiveram que reunir-se sob a vontade dos seringalistas, e afirma Tocantins que:

[...] a organização do seu Exército (do caudilho) dependia, essencialmente, da boa vontade dos proprietários de seringais. Todo o seu pessoal

⁴⁷ Momento em que o rio está secando.

era de recrutas roubados aos serviços de seringa, um só não entendia de coisas militares, muito menos de guerra. (TOCANTINS, 1979, p. 116).

Resumindo, os homens que antes exerciam suas atividades de extração passaram então a enfrentar outros homens. Os riscos que antes tinham como os animais ferozes, as cobras, ou outros, passaram a ser modificados. Se antes levantavam cedo para exercer o seu trabalho, agora a preocupação era com a abordagem do inimigo boliviano, como consta na obra de Leandro,

[...] **alta madrugada**, [...]. Sorrateiramente, os bolivianos cercaram a barraca, surpreendendo com a fuzilaria os que lá se encontravam. O **tiroteio** durou um quarto de hora, e teve fim com a **prisão** de sete homens e a **fuga** de seis. Houve três **mortos** brasileiros [...]. (TOCANTINS, 1979, p. 126). [grifo meu].

Ao analisar a citação verificamos as mudanças ocorridas no cotidiano de seringueiros no processo da revolução acreana, em que estes obrigados a participar deste movimento viram suas vidas e desejos transformados rapidamente. Naquele momento tiveram que acordar ainda de madrugada, porém só que agora para combater o inimigo e não para trabalhar, porque os soldados bolivianos chegavam cedo, cercavam as barracas, fuzilavam os considerados inimigos de sua nação e usurpadores de suas terras, enfim, ocorriam tiroteios, prisões, fugas e mortes. Tudo diferente do que buscavam para suas vidas e a de seus familiares na região nordestina.

A calma e/ou melancolia das estradas de seringa ou dos seringais como um todo se transformara em um ambiente de “guerra”, de temor, porque o medo de antes que eram as doenças, feras e até mesmo os patrões quando agiam de forma bárbara, havia mudado para a preocupação com os fuzilamentos devido indisciplinas e descumprimento dos deveres.⁴⁸

Os homens foram “cedidos” para lutar porque, todas as suas atitudes necessitavam de autorizações dos seringalistas. Leandro Tocantins (1979, p. 131) sustenta em sua obra que “O fabrico da borracha está parado em todo o rio, pois se trata atualmente somente de guerra”. De acordo com esta afirmação percebemos que os seringais não estavam produzindo porque os seus homens estavam “cedidos” para lutar nos combates contra os bolivianos. Cedidos e obrigados, pois, o que eles vieram buscar na região acreana era a sobrevivência e não o

⁴⁸ TOCANTINS, Leandro. Formação histórica do Acre. 1979, p. 129.

derramamento de sangue ou mortes. Estavam em “guerra” contra os hermanos e não trabalhando, seus cotidianos agora eram de enfrentamentos, de conflitos, onde homens defendiam ora os interesses de proprietários de seringais e comerciantes, ora um pedaço de terra que lhes pertencia, como no caso dos bolivianos em acordo com o Tratado de Ayacucho.

Os soldados brasileiros sem experiências agiam e respondiam ao fogo ou tiroteio boliviano de forma errônea, e como não tinham práticas atiravam “a torto e a direito, parecendo querer matar o inimigo com os estampidos”. (TOCANTINS, 1979, p. 122). As suas experiências se davam ao conhecimento da selva e não em combates e armamentos. No entanto, neste mesmo confronto, o exército boliviano perdeu dez vidas e oito de seus homens ficaram feridos no campo.

O que percebi é que aos seringueiros toda a sorte na selva fora imposta. Ao participar de forma obrigatória na chamada revolução acreana estes tiveram que passar por mais uma prova de fogo, porque, o fato de estar num ambiente deferente do seu, alterar seus hábitos atuais, utilizar instrumentos diferentes do que usavam para trabalhar, enfrentar inimigos vizinhos em defesa de interesses que não eram os seus fora de muita angústia e desespero para estes trabalhadores que vieram em busca de sobrevivência e retorno imediato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização da pesquisa bibliográfica e análise do material coletado pode-se compreender que a sociedade acreana fora constituída a partir da migração de nordestinos, sendo em sua maioria de cearenses que vieram devido às secas graves em períodos diferentes, porque não era a seca uma constante naquele ambiente. Outros motivos também ocorreram, como por exemplo, a necessidade de sobrevivência e o desejo de enriquecimento rápido por causa do valor econômico dado ao látex amazônico, como também o desejo de adquirir terras, ou seja, ser proprietários de terras o que seria difícil em seu local de origem já que não eram detentores de rendas.

Cabe salientar que não foram somente nordestinos que vieram para este ambiente, mas também vieram pessoas de outros países como os sírios, libaneses, italianos, dentre outros.

Como o trabalho buscou a compreensão o cotidiano de seringueiros no processo de constituição dos seringais do Acre, pode-se compreender que ao chegar à região acreana àqueles homens se depararam com os mais diversos contrastes já vividos por eles. A Amazônia era considerada um local de riquezas e ao chegar eles viveram momentos de miséria, fome e exploração do trabalho. Viveram situação de aprisionamento que não era somente por causa da distância ou de muros invisíveis, mas, devido aos seus contratos firmados com o patrão seringalista. A fome se dava devido às proibições referentes ao cultivo e criação de animais aos quais já estavam habituados em sua terra natal e a miséria porque estando eles num local tão rico como a região amazônica nada lhes pertencia, nada era seu, nem mesmo se fizessem melhorias ou benfeitorias. Um lugar onde tudo tinha lhes faltava tudo, como bem disse Euclides da Cunha. As árvores de seringueira que muito se extraia o leite era somente os outros que dela usufruíam o líquido tão precioso.

Compreendi que através das propagandas enganosas, muitos homens vieram trabalhar, e ao sair de seus locais de origem já se encontravam endividados e presos a um regulamento de exploração e dominação já que deviam obediência, disciplina e submissão aos padrões contratantes. E estes regulamentos os mantinham imóveis, sem poder sair, voltar ou fugir daquele local. Mas, observamos que conseguiram criar mecanismos para possíveis fugas, não para sair do local, para fugir dos invisíveis muros, mas, para relaxar psicologicamente como, por exemplo, com as mariscadas, e também por assim dizer, para que

houvesse inserção social entre os que ali habitavam, porque, as festas, os jogos de cartas, os contatos via “toques” diferenciados nas sapopemas, enfim, todos os meios que criaram como fugas foram meios de sociabilidade na selva amazônica. Por isso não cabe, no trabalho concluído colocar estes seringueiros como vítimas das situações que viveram, mas sim colocarmos como vencedores dos desafios designados a eles, e que conseguiram com maestria, pois, além de sobreviverem aos contrastes da região criaram - a partir dos seus costumes vividos na região nordestina e agregando a cultura indígena - sua cultura e identidade seringueira.

Devido a tantos contrastes, sofrimentos e decepções ainda foram obrigados a participar da chamada “Revolução acreana”. Onde tiveram que defender uma região da qual não era filho ou defender interesses que não eram seus, porque o que buscavam nestas paragens eram a sobrevivência e o retorno ao seu local de origem. Lutar em combates não era desejo concreto para suas vidas. Combater pessoas consideradas inimigas não era as suas vontades. Enfim, defenderam um pedaço de terra de interesses dos que detinham o poder como seringalistas proprietários de seringais e comerciantes.

Pude então, a partir da História oficial perceber que os homens considerados simples, de ações importantes na construção da historiografia acreana não são ainda colocados nas páginas dos livros. São deixados no “esquecimento oficial” em detrimento dos considerados “grandes homens”.

É necessário que, enquanto construtores da História, possamos escrevê-la ou reescrevê-la de forma democrática, onde todas as ações de todos os homens ou grupos sociais sejam postas em evidência. Que sejam conhecidas todas as ações que deixam marcas e registram a passagem do homem na construção historiográfica.

Considero ainda que este trabalho não represente a fase final ou acabada sobre o tema em questão, pois, este pode ser um ponto de partida para outros possíveis estudiosos. Porém contribui para servir de fonte a outros estudos que busque uma pesquisa mais aprofundada na área.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA NETO, Domingos José de. “**Aos Trancos e Barrancos**” Identidade Cultural e Resistência de Ex-seringueiros na Periferia da Cidade de Rio Branco-Acre (1970-1980). Recife, 2001.
- AZCUI, Benjamin. **Resumen Histórico de las campañas del Acre** (1899-1903). Intendência de Guerra: La Paz, 1925, 276 p. http://eduardoeginacarli.blogspot.com.br/2007/06/histria-do-acre-resumo-de-livro_20.html (Acessado em 25/03/2013).
- BARROS, José D’Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História**: da escolha do tema ao quadro teórico. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, 236p.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: Um pouco - antes e além - depois. Manaus. Editora Umberto Calderon. Edição Universidade do Amazonas e Codeama, 1977. 840 p.
- _____. **O romanceiro da batalha da borracha**. Manaus. Imprensa Oficial, 1992.
- BLOCH, Marc L. Benjamin. **Apologia da História**, ou O ofício do Historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- CALIXTO, Valdir de Oliveira; SOUZA, Josué Fernandes de; SOUZA, José Dourado de. **Acre**: Uma história em construção. Rio Branco. FDRHCD, 1985.
- CANABARRO, Ivo dos Santos. **Teoria e métodos da história II** / Ivo dos Santos Canabarro. - Ijuí Ed. Unijuí, 2010. 70 p. (Coleção educação à distância. Série livro-texto).
- CASTRO, Ferreira. **A selva**. Rio Branco. Editora Verbo. São Paulo 1972.
- COSTA, Francisco Pereira. **Seringueiros, padrões e a justiça no Acre Federal 1908/1918**. Rio Branco: EDUFAC, 2005, 325p.
- COSTA, João Craveiro. **A Conquista do Deserto Ocidental**: subsídios para a história do Território do Acre. 2ª. Ed. São Paulo: Editora Nacional, 1973.
- COSTA SOBRINHO, Pedro Vicente. **Capital e trabalho na Amazônia Ocidental**: contribuição à história social das lutas sindicais no Acre. São Paulo: Rio Branco-AC, UFAC, 1992.
- CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FALCÃO, Emílio. **Álbum do Rio Acre**. Pará: Emílio Falcão, 1906-1907.

- FERRANTE, Miguel Jerônimo. **Seringal**. s/ed. São Paulo: Clube do Livro, 1972.
- FERRARINI, Sebastião Antônio. **Transertanismo**: sofrimento e miséria do nordestino na Amazônia. Petrópolis: Editora Vozes LTDA, 1979.
- FERREIRA DE CASTRO, José Maria. **A selva**. São Paulo: Editora Verbo, 1972.
- FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico**: Elaboração e Formatação. Explicitação das Normas da ABNT. 16^a. ed. Porto Alegre: Dáctilo Plus, 2012.
- GUEDES, Mário. **Os seringaes**. s/ed. Rio de Janeiro, 1920.
- GUARINELLO, Luiz Norberto. **História científica, história contemporânea e história cotidiana**. Revista Brasileira de História. Vol.24 no. 48. São Paulo, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010201882004000200002&script=sci_arttextAcesso em 28/12/2011. Hora 01: 49.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 3^a. ed. Rio de Janeiro: 1989.
- JORNAL Cruzeiro do Sul, p. 4. A pedidos: Regulamento do Seringal Cruzeiro do Vale. Departamento do Alto Juruá – AC.
- LEAL, Davi Avelino. **Cotidiano e conflitos nos seringais do Rio Madeira (1880-1930)** Fronteiras do Tempo: Revista de estudos amazônicos, v 1, nº 1 – junho de 2011.
- LIMA, Cláudio de Araújo. **Coronel de Barranco**. Rio Branco: Tribunal de Justiça, 2003.266p.
- MARTINELLO, Pedro. **A Batalha da Borracha na II Guerra Mundial**. Rio Branco: EDUFAC, 2004.
- MARTINELLO, Sílvio. **Corações de Borracha**. Rio Branco: Gráfica Printac, 2004. 380p.
- MENDES, Francielle Maria Modesto. **Identidades híbridas**: o lugar das personagens ficcionais na obra Coronel de Barranco. 2008. 100f. Dissertação (Mestrado em Letras – Linguagem e Identidade) Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Federal do Acre, Rio Branco-AC, 2008.
- NUNES, Jersey de Brito. **Memórias de um Seringueiro**. s/ed. s/l. 1996. 294p.
- OLIVEIRA, Luiz Antônio Pinto de. **O sertanejo, o brabo e o posseiro e a periferia de Rio Branco e os cem anos de andança da população acreana**. Belo Horizonte: UFMG, 1982.

RANCY, Cleusa Maria Damo. **Raízes do Acre 1870-1912**. 2ª ed. Rio Branco: M. M. Paim, 1992. 160p.

_____. **Raízes do Acre**. Rio Branco, Ac: EDUFAC, 2008.311p. il.

RIBEIRO, Napoleão. **O Acre e os seus heróis**: contribuição para a história do Brasil. Brasília: Senado Federal, 2008. 264 p.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª ed., São Paulo, SP: Cortez, 2007.

SOUZA, Carlos Alberto Alves de. **História do Acre**: novos temas, novas abordagens. Rio Branco: Editor Carlos Alberto Alves de Sousa, 2002.

SOUZA, José Dourado de. **Entre lutas, porongas e letras**: a escola vai ao seringal – (re) colocações do Projeto seringueiro (Xapuri/Acre – 1981/1990). 2011. 238 p - Tese (Doutorado em Educação) – Belo Horizonte: UFMG/FAE, 2011.

TOCANTINS, Leandro. **Formação Histórica do Acre**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Brasília: INL/ Conselho Federal de Cultura; Rio Branco: Governo do Estado do Acre. v 2, 1979. 536p.

_____. **Formação Histórica do Acre. Estado do Acre**: Geografia, história e sociedade. Rio Branco, Ac. 1998. 112 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE/A TRIBUNA: **Álbum Memória e Imagens Revolução Acreana**. UFAC/Jornal A Tribuna, 1996-1997.